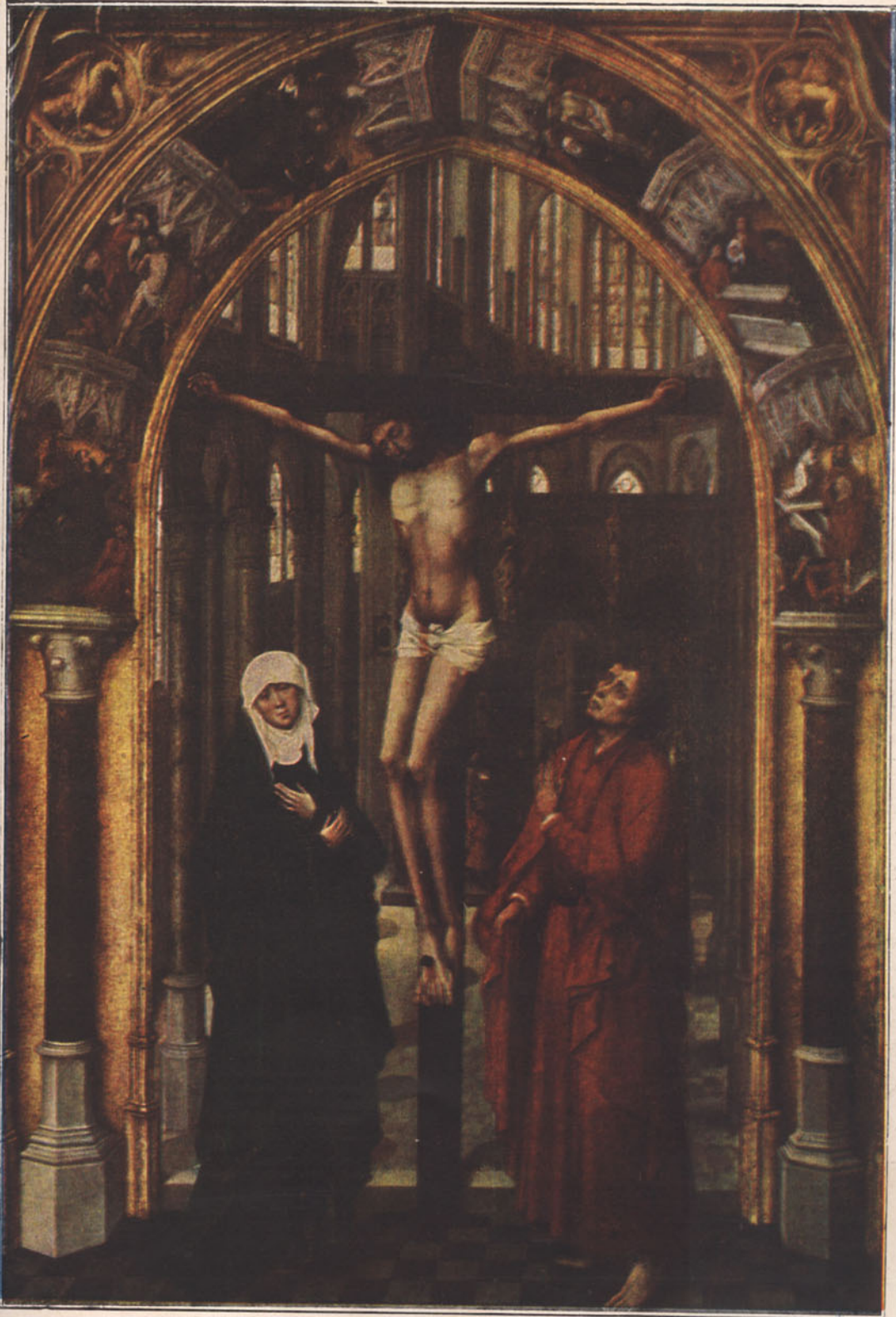


ILUSTRAÇÃO



ANO
REÇO
4500
N.º 78

Lisboa,
16 de
Março
de 1929

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



**HISTORIA
DA
LITERATURA
PORTUGUESA
ILUSTRADA**

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS — LISBOA

BOLETIM DE ASSINATURA

*Desejo assinar a HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA por.....
.....(3 meses, 6 meses, 1 ano ou receber pelo correio contra reembolso, conforme assinatura especial abaixo indicada).*

NOME

MORADA

Lisboa, de de 192...

ASSINATURA

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS :

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra reembolso (86 para o continente e ilhas) **11\$50**

Assinatura (pagamento adiantado) 3 meses 6 meses 1 ano
30\$00 59\$00 118\$00

REPARTIDO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHIA	34\$50	67\$00	132\$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR.....	36\$00	79\$00	138\$00
ESTRANGEIRO	37\$00	72\$00	142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA**, escritor.
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAILO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da História da Colonização do Brasil.
CRISTÓVÃO ALVES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
COELHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUARDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LOPES DE ALFREDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camoneanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JULIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUIZ XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente de Associação dos Arqueólogos.
MANUE DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GATO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.
MORIS BENSABAT AMELACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LABRANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUIRÓS VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32x25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PAGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHE,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

CONTERÁ

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a cores.

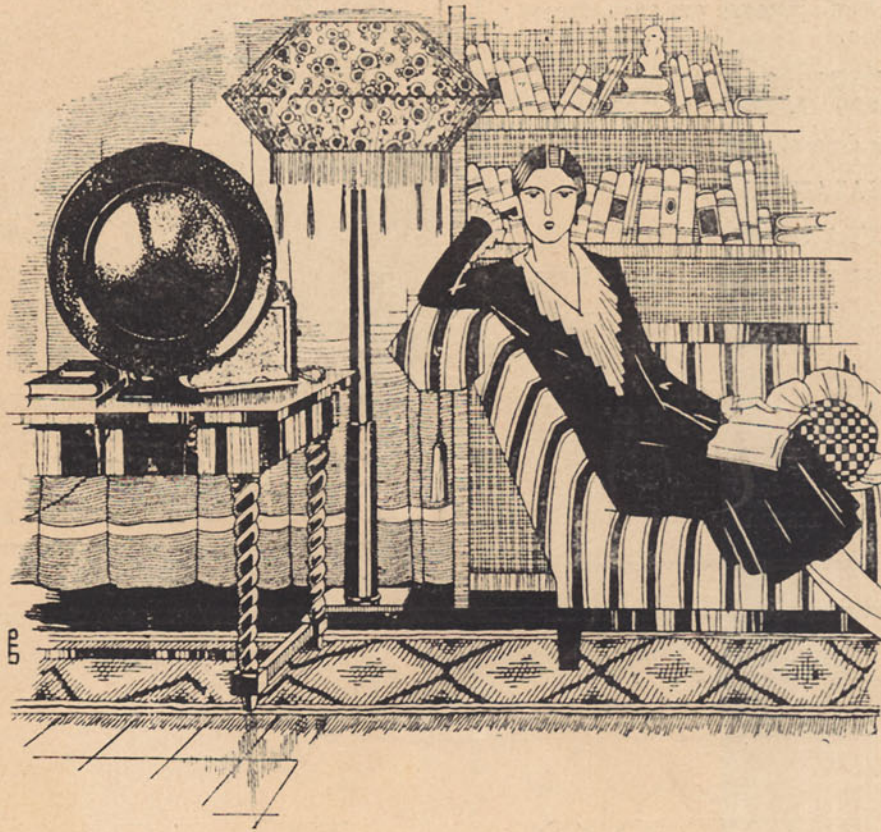
CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00

PHILIPS



A Radiofonia torna-se num verdadeiro prazer desde que o material empregado seja da marca

PHILIPS RADIO

Semfilista? Sim!... Sem **PHILIPS?** Não!...

SOCIEDADE COMERCIAL PHILIPS PORTUGUEZA

Rua da Betesga, 57 — LISBOA

T. S. F.

APOLO—3, o aparelho receptor com antena que foi o maior sucesso da recente exposição.

RECEPTORES com quadro, de André Hardy, a última palavra em apresentação e rendimento.

**PEÇAS SOLTAS
E TODOS OS ACESSÓRIOS**

dos fabricantes de maior reputação

ALTO-FALANTES "LE LAS"

ACUMULADORES "HART"

para grandes reproduções ao ar livre

REPRODUÇÃO ELÉCTRICA DE GRAMOFONES

ARMANDO CASQUILHO & C.^a

ENGENHEIROS

Rua Eugénio dos Santos, 75

LISBOA

*Para que
nas longas noites de inverno
as horas passem a correr
basta lêr o*



MAGAZINE
BERTRAND

ACABA DE APARECER

D. PEDRO E D. IGNÊS

8.^a edição

E LEONOR TELES

6.^a edição

DE

ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa

Pedidos às Livrarias AILLAUD E BERTRAND

Rua Anchieta, 25 — LISBOA

INCOMPARAVEL SUCESSO

FOI ALCANÇADO COM OS DISCOS PORTUGUESES "His Master's Voice"

ULTIMAS NOVIDADES RECEBIDAS E INCLUIDAS NO
SUPLEMENTO DE FEVEREIRO

QUEIRAM OUVIL-OS NOS AGENTES EXCLUSIVOS

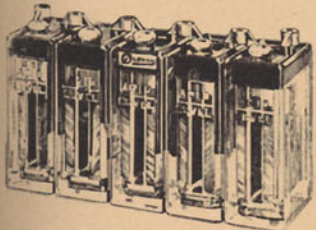
GRANDE BAZAR DO PORTO

LISBOA — Rua Augusta, 150 a 152

PORTO — Rua de St.^a Catarina, 192 a 198



OLDHAM



PARA
T. S. F.
O
ACUMULADOR
DE CONFIANÇA

POTENTE — ENÉRGICO — DE LONGA VIDA

E PARA LUZ
E
DÉMARRAGE
DE
AUTOMO-
VEIS

Mais de 70 modelos



GILMAN & GILBERT L.^{DA}

LISBOA - R. da Prata, 126 132 PORTO - R. dos Carmelitas, 40

Depositarios tambem das lampadas **COSSOR**
para T. S. F. — *Rival das melhores*

HERTZIANA L.^{DA}

R. Augusta, 280, 1.^o — LISBOA

MATERIAL RADIO de super-qualidade

Representantes dos principais fabricantes
americanos e europeus

Aparelhos receptores de

T. S. F.

desde o posto de galeria até ao Super-
-Heterodino com amplificação
para trabalhar ao ar livre

Amplificadores para gramophone

Desenhamos a pedido dos Ex.^{mos} Amadores toda a
espécie de circuitos e damos todos os esclarecimentos
para a sua realização.

GRANDE NOVIDADE LITERÁRIA

O
ÚLTIMO OLHAR
DE
JESUS

DE
ANTERO DE FIGUEIREDO

DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

UM VOLUME BROCHADO ... **12500**



PEDIDOS ÀS
LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

TELEFUNKEN



MATERIAL PARA **T. S. F.**

LAMPADAS DE TODOS OS TIPOS E CARACTERISTICAS,
AUSCULTADORES, DIFUSORES, APARELHOS DE RECEPÇÃO
E TRANSMISSÃO, ETC., ETC.

SOCIEDADE LUZITANA DE ELECTRICIDADE A. E. G.
S. A. R. L.^{DA}

Rua Sá da Bandeira, 209 - PORTO — Telefone 4931
Rua dos Fanqueiros, 12, 3.º - LISBOA — Telefones C. 1204, 1205 e 583

Antes de adquirir um automóvel lembrai-vos das admiráveis mais que comprovadas qualidades do

Chrysler

de muitas dezenas de milhar de quilómetros percorridos, 6.º — Uma travagem duma suavidade

- 1.º — Duração e robustez (carros com mais de 200 mil quilómetros em 3 anos).
- 2.º — Economia no consumo.
- 3.º — EXTRAORDINARIA aptidão em subir as rampas mais íngremes em «prises».
- 4.º — Aceleração fulminante nunca ainda atingida por qualquer outro carro.
- 5.º — Um silêncio absoluto mesmo depois extraordinária e segura.

O AUTOMÓVEL MAIS PERFEITO DO MUNDO

Para entrega imediata, todos os modelos PLYMOUTH e CHRYSLER-IMPERIAL 72-75 e 65
Demonstrações sempre facilitadas da melhor boa vontade pelo

Sub-agente
ALBERTO CÂMARA
America Stand
LISBOA

Agente geral—A. BEAUVALET—Rua 1.º de Dezembro, 137—LISBOA

Distribuidor para o Norte
ANGEL BEAUVALET
R. de Santa Catarina, 130
PORTO

A casa mais antiga do país --- Stock de peças de origem para todos os tipos

NYTHIS
Parfume de
GELLÉ FRÈRES
PARIS



ESSENCIA
PÓ DE ARROZ
LOÇÃO
ÁGUA DE COLONIA
SABONETE

Se Venderem em Lojas ou boas Casas
Agentes gerais STETTER & Cª 199, Rua de Madalena 21 E. LISBOA

RAINHA DA HUNGRIA

OS MELHORES PRODUCTOS
PARA OS CUIDADOS DA PELE

**ACADEMIA SCIENTIFICA
DE BELEZA**

Directora: *MADAME CAMPOS*

Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA

SALÃO DE PRIMAVERA DA ELEGANCIA FEMININA, ARTES INDUSTRIAIS E DECORATIVAS, NO PALACIO DE CRISTAL DO PORTO

Sob o patrocínio dos organismos económicos do Norte e promovido por *ILUSTRAÇÃO* e *EVA*
com o apoio do *DIÁRIO DE NOTÍCIAS* e *MAGAZINE BERTRAND*

ESTÁ ABERTA A INSCRIÇÃO PARA ESTE CERTAME, QUE OBTERÁ
O MAIOR ÊXITO ECONÓMICO, PUBLICITÁRIO E ARTÍSTICO

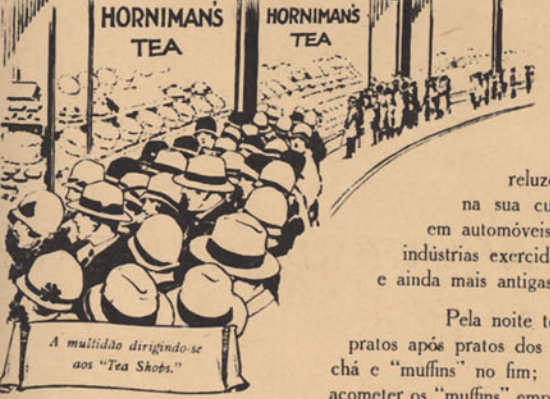
ABRE EM 20 DE ABRIL

- As primeiras casas a inscrever-se definitivamente em lugares de destaque foram
- GRANDE BAZAR DO PORTO LTD.** (LISBOA-PÓRTO), representantes da colossal marca de gramofones e discos HIS MASTER'S VOICE
- SANTOS & JÚLIO**, COSTUREIROS, criadores de Modas — (R. Nova do Almada — LISBOA)
- HENRI MANUEL** (Fotógrafo de Arte, Moda e Elegâncias) — PARIS
- FABRICA DOS TAPÊTES DE BEIRIZ** — A maravilhosa indústria artística de D. Hilda Brandão de Miranda e Carlos de Miranda
- SOCIEDADE DOS VINHOS BORGES & IRMÃO** — De fama mundial, porque «os Vinhos Borges... são Vinhos»...
- MÁRIO DE NOVAIS** — (Fotógrafo de Arte) — LISBOA
- TATÁ** — «Chapelier en Vogue» — Medalha de ouro do «Salão de Outono»
- ALINANDA** — Que exporá o livro «Arte de bem comer» ao qual está reservado um grande successo e que será um verdadeiro regalo para os «gourmets»
- CHAMPAGNE PIPER-HEIDSIECK** — Reims — «Grandes licores Rocher Frères — «Cognac E. Remy & C.» — reputadíssimas marcas de que é representante em Portugal e Colónias João Alves de Matos, rua dos Fanqueiros, 277 — LISBOA
- POLYDOR** — «O super-gramofone alemão», uma verdadeira maravilha — Agentes gerais — Galeria das Novidades, L.^{da} — PÓRTO
- “THE ANGLO-PORTUGUESE TELEPHONE C.”** — A prestimosa empresa proprietária das redes de Lisboa, Pôrto e principais localidades do País, num esforço enorme de progresso. Cooperação e «stand» originalíssimos
- “EMPRESA ELECTRO-CERÂMICA”**, de Vila Nova de Gaia, a maior fábrica da península de porcelanas para uso doméstico e efeitos eléctricos, honra da indústria portuguesa
- COMPANHIA INDUSTRIAL PORTUGUESA**, com os maravilhosos vidros artísticos, rivais dos melhores do mundo, da *Fábrica da Marinha Grande*
- AZEITE SANTA CRUZ**, admirável produção da firma Simões, Irmão & C.^a Ltd.^a, das Devezas — Vila Nova de Gaia, com venda a retalho na Rua do Almada, 181 — PÓRTO.
Um produto finíssimo e superior
- O PRIMEIRO DE JANEIRO**, o grande jornal do norte, com as suas edições e obras gráficas de elite, num «stand» originalíssimo
- SOCIEDADE LUSITANA DE ELECTRICIDADE, A. E. G.**, a marca de maior fama universal em artigos eléctricos, instalações, maquinaria eléctrica, luz, iluminação etc. LISBOA — PÓRTO
- JOÃO ANJOS** — O afamado medalhista, grande artista português, cinzelador e esmaltador; especialista em condecorações e emblemas, efigies sagradas. Rua do Mundo — LISBOA
- DOMINGOS FERNANDES & C.^a**, grande fábrica de malhas da rua dos Wanzellerses — PÓRTO, com as suas criações em Novidades e Fantasia de luxo, vestidos para senhoras, chales, colchas de malha de seda, lenços rendilhados, camisolas com lavores, etc.
- CASTELO LOPES LTD.^a**, que montou o cinema-reclame do nosso «bureau» do Pôrto e montará projectores eléctricos na grande nave
- P. SOLER** — Representantes da famosa casa Gaumont, que montou «haut-parleurs», na varanda do nosso «bureau» do Pôrto e montará um colossal sistema de reclame no Palácio de Cristal
- LITOGRAFIA NACIONAL** — Que exporá os seus maravilhosos trabalhos gráficos e também apresentará em público a sua soberba colectânea *Monumentos de Portugal*, defensora do nosso património artístico
- RADIO-PÓRTO** — A grande casa técnica semifilista da península, expando os seus magníficos artigos da especialidade

Todas as informações nas redacções de *Magazine Bertrand* e *Ilustração* (Telf. N. 873) ou no

BUREAU DA EXPOSIÇÃO:

AVENIDA DOS ALIADOS, 71, I.^o — PORTO — Telefone: 4909 (Porto)



SETECENTOS anos de tradição justificam o espetáculo público que tem lugar todos os anos no dia nove de Novembro, para festejar a nomeação do novo Lord Mayor de Londres. Centenas de milhares de londrinos estão postados nos passeios das vias do trajecto processional, mantendo-se de pé durante horas e horas, com mais ou menos falta de comodidade, até que, passado o cortejo, podem procurar-se no "tea shop" mais próximo o refrêscos que tanto necessitam.

Vale bem a pena ver este "Espectáculo". Os Guardas da casa Real todos com fardas escarlates e reluzentes couraças, com penacho ao vento; o novo Lord Mayor na sua curiosa carruagem de cerimônia, longas filas de personagens em automóveis e carros, bem como carros ornamentados, simbólicos das indústrias exercidas por Associações (grêmios) autorizadas por Reais Patentes e ainda mais antigas do que o cargo de Mayor (Alcaide ou Administrador).

Pela noite tem lugar o Banquete do Lord Mayor, no qual se oferecem pratos após pratos dos mais exquisitos manjares, e no qual a tradição impõe servir chá e "muffins" no fim; e ainda que o mais atrevido gastrônomo não se anima a acometer os "muffins" empapados de manteiga, nem por isso deixa de ser sabido que não ha nada tão apetecível a todas as horas como uma chávena do refrescante e vivificante

CHÁ HORNIMAN

A casa Horniman fornece todos os Estabelecimentos de importância e goza de fama na Grã-Bretanha ha mais de 100 anos. O chá Horniman prepara-se expressamente para V.Sa., do mesmo modo que para todos os países do mundo, em pacotes de diferentes tamanhos, escolhidos conforme as necessidades do comprador.



A ALEGRIA DAS CRIANÇAS



A SAUDE DO VOSSO BÊBÊ exige que sejais severa na escolha do seu leite. Quando ha falta de leite materno, deveis evítar de dar ao vosso filhinho leite fresco que quasi sempre é de qualidade duvidosa, cheio de micróbios e outras impurezas. A fervura diminui consideravelmente o seu valor nutritivo, pois destroi as preciosas vitaminas tão necessarias ao desenvolvimento da criança. Adotai sem hesitar o melhor dos leites, o

LEITE CONDENSADO AÇUCARADO MARCA «MOÇA»

PURISSIMO, RICO EM CREME E EM VITAMINAS. É O ALIMENTO IDEAL, O QUE MELHOR SUBSTITUI O LEITE MATERNO

PREPARAI O VOSSO BÊBÊ AO DESMAME. Fazê-lo bruscamente é expor a criança a graves perigos. Por isso todos os pediatras recomêdam que se faça o desmame progressivamente, juntando às mamadeiras de leite papinhas de farinha fortemente lacteada e cuidadosamente malteada. Substitui uma, depois duas e três mamadeiras de leite por uma papinha de

FARINHA LACTEA «NESTLÉ»

RICA EM LEITE E VITAMINAS, CUIDADOSAMENTE DOSEADA E MALTEADA

É assim a melhor maneira de desmamar sem perigo o vosso bêbê.



PEÇAM UMA AMOSTRA A

Filial em Portugal da

NESTLÉ & ANGLO-SWISS CONDENSED MILK CO.

Rua Ivens, 11-13 — LISBOA



COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA

DA «ILUSTRAÇÃO»

R. da Alegria, 30 — Lisboa
REDACÇÃO

R. Ceafílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Procissão)

Telef. N. 873

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO :

JOÃO DA CUNHA DE REÇA

DIRECTOR :

JOÃO DE SOUSA FONSECA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO :

EMPRESA NACIONAL

DE PUBLICIDADE

—
ALLAUD LTD.ª

ADMINISTRAÇÃO

R. Diário de Notícias, 78

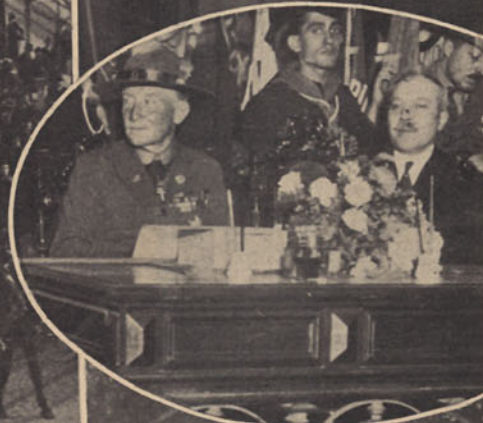
Telef. : T. 821 a 824

ANO 4.º — NÚMERO 78

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

16 DE MARÇO DE 1929

O GENERAL SIR ROBERT BADEN POWEL EM LISBOA



A VISITA A LISBOA DO FUNDADOR E CHEFE SUPREMO DO ESCOTISMO, ESSA ESCOLA DE RIGENERAÇÃO MORAL E SOCIAL, REVISTIU ASPECTOS INTERESSANTÍSSIMOS E DESUSADA IMPONÊNCIA. NESTA PÁGINA REPRODUZIMOS A FIGURA DO VENERANDO EDUCADOR E ASPECTOS DA SUA RECEPÇÃO A BORDO, DO DESFILE GERAL DE ESCOTEIROS NO ROSSIO, DA MESA QUE PRESIDIU À SESSÃO DE HOMENAGEM NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA E DO MOMENTO EM QUE, NA «SALA PORTUGAL», OS ESCOTEIROS FAZIAM A SUA ENTUSIASTICA E PITORESCA SAUDAÇÃO À GRANDE E PRESTIGIOSA FIGURA DO SEU CHEFE SUPREMO (Fotos «Ilustrações».)

CRONICA DA QUINZENA

Passou por Lisboa nos princípios de Março o general Baden Powell, criador e organizador da instituição dos *Boy Scouts*, e as associações de «scouts» de Portugal fizeram-lhe uma manifestação entusiástica.

Não é dela que pretendo occupar-me: em matéria de manifestações, somos nós peritos, e não é uma manifestação a mais, ou a menos, que pode acrescentar os nossos créditos. Muito mais importaria saber o que vale, entre nós, o escutismo — que, não sei porque regra, deram em grafar escotismo: parece-me evidente o parentesco entre o inglês «scout», o velho francês «escoute», e o português antigo «escuta», significando quasi o mesmo que «esculca». Infelizmente, faltam-nos dados precisos para poder avaliá-lo. Por isso, quero referir-me, apenas, ao valor educativo intrínseco do escutismo, independentemente das deformações, porventura, mesmo, das adulterações que lhe possam imprimir os países para onde vai sendo transplantado.

Na verdade, o escutismo, tal como foi concebido e realizado por Baden Powell, afigura-se-me um dos mais importantes, se não o mais importante movimento educativo do princípio deste século. Não é que elle possa comparar-se, em originalidade, com as modernas concepções pedagógicas baseadas no estudo científico da psicologia da criança: pode, mesmo, dizer-se que, sob o ponto de vista dos princípios em que assenta, o escutismo nada tem de original. A sua originalidade reside na maneira feliz com que procura resolver o grande problema prático que se põe aos homens de hoje: à vista dos factores de degenerescência, física e moral, da vida moderna; do poder, indubitavelmente, enfraquecido, das Igrejas sobre as consciências; da incapacidade manifesta da família para formar o carácter das novas gerações; das deficiências da escola, quer pública, quer privada, na parte que respeita à educação moral, como educar os que hão-de ser os homens de amanhã?

Havia, e há, as «sociedades de cultura moral», as «uniões para a acção moral», as «ligas de bondade», etc.; mas, não só quasi todo esse movimento se dirige principalmente a adultos, e só indirectamente, às crianças, como participa ainda muito da pré-dica moral, de efféacia mais que duvidosa. Há as «escolas móveis», situadas nos arredores das cidades, no meio de grandes parques, onde a educação física e moral obtém uma larga parte: mas, são escolas só para os privilegiados da fortuna.

Há a gymnástica, os jogos esportivos, as colónias de férias, o turismo, o alpinis-

mo, etc.; e tudo isto está bem, e tem sua utilidade; mas não pode desempenhar senão um papel auxiliar, tudo isto são actividades ao lado da vida; nada disto cinge sufficientemente a personalidade inteira da criança, e sobretudo, do adolescente.

A originalidade de Baden Powell consistiu em ter tido a intuição de que a formação do carácter não podia ser o resultado, apenas, da prática de determinados exercícos, mas, sim, de uma certa *maneira de viver*, e de *compreender a vida*, de uma inteira organização dos hábitos em troca de um pequeno número de princípios e direcções fundamentais.

Dois ideas dominam a educação pelo escutismo. A primeira é — que se pode conseguir da criança muito mais do que à primeira vista se imagina: o ponto é conhecê-la, conhecer as suas tendências instrutivas, e saber utilizá-las. A outra, é — o grande valor educativo do contacto frequente com a Natureza.

No decurso da guerra anglo-boer, tendo-lhe sido confiada a defesa de Mafeking, que se encontrava sitiada, Baden Powell, para remediar à penúria dos effectivos, teve de recorrer a rapazes; organizou-os em «mensageiros», empregou-os como ajudantes no serviço das ambulâncias, e elles prestaram-lhe mais serviços que muitos homens feitos. De regresso à Inglaterra, perguntou a si mesmo se os garotos do «East-End» londrino, se os adolescentes dos colégios ingleses teriam podido fazer o mesmo que os seus «boys» de Mafeking, e concluiu que, muito provavelmente, seriam capazes disso se em vez de viverem num meio de supercivilização dissolvente, tivessem sido criados, como os outros, em contacto com a Natureza hostil, organizados e treinados em obedecer a chefes responsáveis.

Em 1907, o plano pareceu-lhe amadurecido: é o ano da publicação do *Scouting for Boys*, e do campo de experiência de Brownsea Island. O successo obtido mostrou-lhe que tinha razão; e em 1911, o rei Jorge V passava revista, no parque de Windsor, a 30:000 «boy-scouts». Em 1928, o número de «scouts» era de 528:000, no império britânico, e 800:000 nos Estados-Unidos; seguem, em menor escala, mas sempre crescente de ano

para ano, os Países Escandinavos, a Bélgica, a Polónia, a Espanha, a França, a Itália, a Tcheco-Eslovaquia, a Holanda, a Grécia, a Alemanha, a Austrália, o Brasil, o Japão, etc.

Esta expansão do escutismo comprehende-se muito bem. O escutismo corresponde às modernas preocupações dos higienistas e dos moralistas. Elle oferece às crianças e aos adolescentes uma occupação que, satisfazendo as suas aspirações instrutivas, os preserva das influências deletérias da vida moderna, fornecendo-lhes, ao mesmo tempo, múltiplas occasiões de desenvolver a personalidade sob todos os pontos de vista, físico, intellectual, moral e social.

Depois, Baden Powell é um grande psicólogo prático; os seus folhetos estão cheios de observações sagazes sobre as qualidades e os defeitos das crianças nas diferentes idades, sobre a maneira de utilizar as primeiras e remediar aos últimos. Por isso, o escutismo corresponde perfeitamente à psicologia da criança e dos adolescentes — à sua necessidade de alegria e de movimento, ao seu espirito de aventura e de cavalaria, à necessidade de admirar e de imitar os heróis que tomam por modelos — os exploradores, os «cow-boys», os «robinsons»; — à tendência a agruparem-se para os seus jogos e garotices; ao seu respeito pela palavra dada; ao seu gosto pelo simbolismo (uniformes, emblemas, insígnias, apertos de mão especiais, etc.).

Nos mais velhos, o jogo conduz à actividade séria do «trabalho scout»: socorros de urgência em casos de accidentes, serviço de vigilância nas praias de banhos, auxilio em caso de incêndio, lançar uma ponte sobre um ribeiro, orientar-se sem bússola, conhecer a hora pelo sol, escolher um local para acampar, armar uma tenda, velar pela boa ordem e hygiene do acampamento, descobrir as nascentes, acender lume, cozinhar, descobrir e seguir a pista de um animal, levantar uma planta, organizar um itinerário, etc.

A meu ver, o ponto fraco do escutismo reside no princípio fundamental da sua organização: «o chefe é tudo»; daí a importância que assume o *recrutamento dos chefes*. Ora, nos povos em que a matéria prima para dirigentes é relativamente abundante, o problema reduz-se a encontrar a melhor maneira de seleccionar. Mas, aquellos onde essa matéria prima escassa, não correrão o risco de possuir um escutismo *ab initio* falsificado?

Eis um ponto que mereceria ter sido apresentado ao general Baden Powell, quando por aqui passou.

JOSÉ DE MAGALHÃES.

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

ACTUALIDADES

NO MEDALHÃO: — O sr. governador civil do Pôrto inspecionando, com os engenheiros camarários, os terrenos da Madalena (Gáia) onde vai construir-se o grande aerodromo comercial do Norte



EM CIMA: — A multidão, ante o «bureau» do nosso «Salão de Primavera» na Avenida dos Aliados (Pôrto), durante uma das sessões de propaganda cinematográfica das casas inscritas para o mesmo certame que é apoiado pelo *Diário de Notícias* e organismos económicos do Norte. No oval: — Outro aspecto da multidão



O sr. consul de Espanha no Pôrto, governador civil e outros membros do corpo consular naquela cidade, safindo das exéquias por alma da Rainha Maria Cristina de Espanha



Alguns dos componentes do escolhido grupo de intelectuais argentinos que visitou o Pôrto, durante a visita que fizeram ao sumptuoso Palácio da Bolsa, na célebre sala Árabe do mesmo edifício



Maravilhoso portão que dará entrada ao Palácio da Representação Portuguesa em Sevilha, obra magnífica em ferro-fundido, desenho dos arquitectos Irmãos Rebelo de Andrade e execução dos artistas portugueses Ivo Dias & Dias, Irmão, de Lisboa



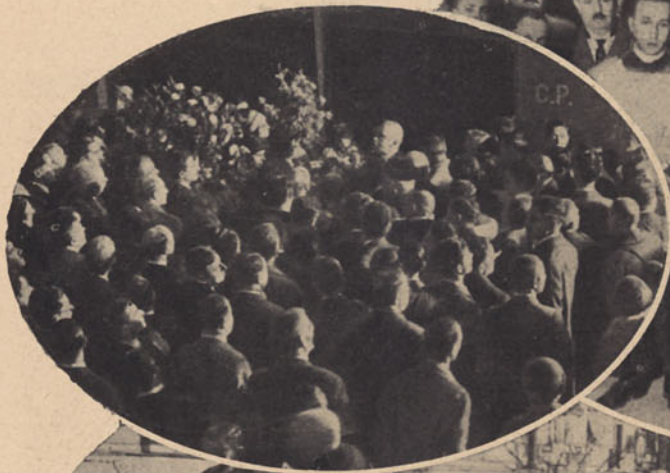
O CRIME DE SILVARES (Fafe). — A casa onde foi praticado o crime vendo-se à porta a mãe da vítima. No primeiro plano: — O assassino José Maria Fernandes e sua mulher e cúmplice no bárbaro crime de que foi vítima seu cunhado Manuel Fernandes Antunes.

O Salão da Primavera, do Pôrto, é promovido por "Ilustração", a maior revista portuguesa, e "Eva", revista de modas, com o apoio de "Diário de Notícias", o maior jornal português, e "Magazine Bertrand"

NOTAS DA QUINZENA

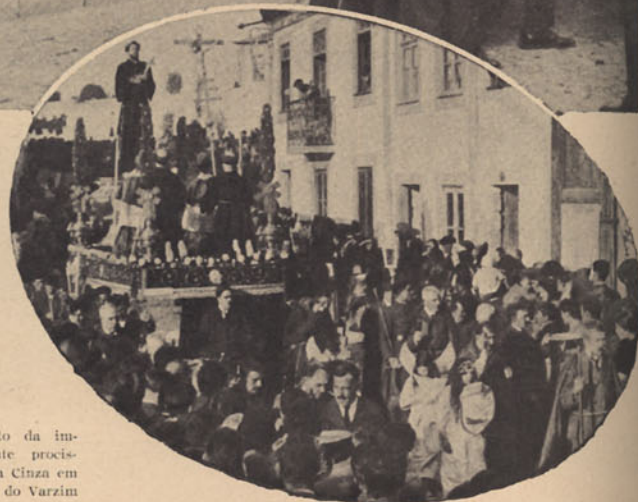
NO OVAL, à direita:—O funeral de Augusto Gil à chegada à estação do Rossio

NO OVAL, em baixo:—O dr. Júlio Dantas falando ante o vagão armado em câmara-ardente que continha a urna com os restos de Augusto Gil



NO OVAL, à esquerda:—Momento em que atravessava a praça de D. Pedro IV o imponente funeral do ilustre poeta Augusto Gil, que constituía uma grande e comovida manifestação de pesar de tôdas as camadas cultas e do povo para quem o artista criou os seus melhores poemas

A DIREITA:—Um aspecto do funeral do malogrado jornalista Hermanno Neves, um dos mais notáveis profissionais da imprensa dos nossos tempos. Na medalhão de baixo:—Aspecto da visita do sr. governador civil do Pôrto à exposição dos cofres que o industrial Bernardo Guedes, Gáia, envia a Sevilha



Aspecto da imponente procissão da Cinza em Póvoa do Varzim

No Salão da Primavera, do Pôrto, exporá a LITOGRAFIA NACIONAL as suas maravilhas gráficas e a colectânea "Monumentos de Portugal"

EXPOSIÇÕES E CERTAMENS

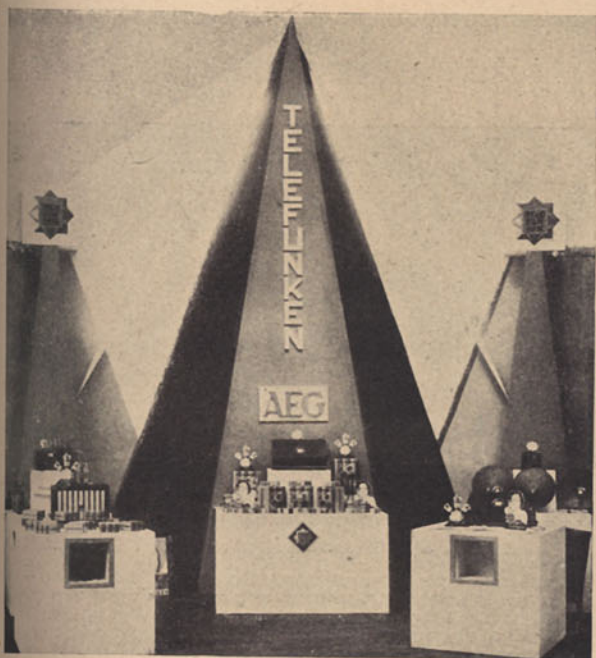


O colossal stand apresentado na Exposição de T. S. F. pela Sociedade Comercial Philips Portuguesa, L.^{da} que

exibiu um posto receptor «Philips» de grande sucesso e mostruário completo do magnífico material para T. S. F. da marca «Philips».



Um dos mais interessantes stands da exposição, o da casa Armando Casquinha, L.^{da} com largo mostruário do mais perfeito material de T. S. F.



Na Exposição de T. S. F., evidenciava-se o stand de forte mérito decorativo da Sociedade Lusitana de Electricidade A. E. G. não só pelo valor do artista que o delineou como também pela excelência incontestada do material Telefunken, ali exposto à admiração dos visitantes



A DIREITA: — O lindo stand de Gilman & Gilbert, L.^{da} que apresentou, entre outras surpreendentes realizações os acumuladores, para T. S. F., Oldham



NO PÔRTO. — O ilustre artista Leal da Câmara na abertura da sua festejada exposição no Salão Silva Pôrto



O stand da nova casa Hertziana L.^{da} onde foi apresentada uma série completa de rádio-receptores desde o mais modesto ao mais luxuoso, representando as célebres firmas americanas Pilot, Baldwin, Victoreen, etc. e europeias, como C. A. V. Grawor, etc.

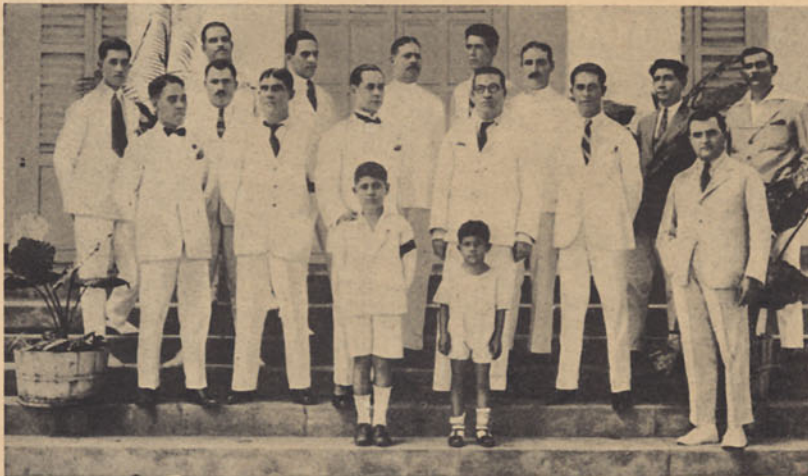
No Salão da Primavera, no Pôrto, desfilarão os manequins vivos com criações de Santos & Júlio (Rua Nova do Almada, Lisboa)



UMA NOVA MARAVILHA DO PROGRESSO. — O avião «Junkers», para carga, do último modelo daquela famosa casa construtora



NA FÁBRICA DOS TAPETES DE BEIRIZ. — Da esquerda para a direita: D. Ilda Brandão de Miranda, o ilustre artista José da Fonseca, autor dos desenhos dos Tapetes de Beiriz, Henrique de Brito, director do Salão da Primavera a realizar em breve no Pôrto, o mesmo director e Carlos de Miranda, per ocasião duma recente visita àquela maravilhosa fábrica de tapetes.



Direcção e alguns sócios do benemérito Grupo dos Vinte, prestigiosa colectividade portuguesa de Dily, Timor, que ali exerce uma salutar missão patriótica, congregando todos os portugueses na recordação da Pátria longínqua, e entregando-se a beneméritas obras do mais alto valor moral e espiritual



O penteado que acaba de receber o primeiro prémio no concurso internacional de Paris, de cujo júri faz parte Van Dongen, o pintor da moda

Vista da fachada do modernizado estabelecimento comercial dos nossos queridos agências em Lourenço Marques, senhores Santos & Rufino, uma das casas de mais sólida reputação naquela praça e de mais alto valor comercial pela sua fama e importância



Os «Secúlos» ou «Chefes de Mecundas», do Cuanhama, que, últimamente, visitaram a cidade de Mossamedes, com o tenente de cavalaria sr. Jélio Francisco Lopes Pereira, adjunto do Governo de Huila-Sá da Bandeira, que se vê no centro do grupo

UMA VEZ MAIS, CONTRATAMOS ALHEIOS À NOSSA VONTADE, NOS IMPEDIM DE APRESENTAR NESTE NÚMERO MAIS UMA TÁBUA DO «LIVRO DE BRAZÕES DE PORTUGAL», A MAGNÍFICA REALIZAÇÃO QUE ESTAMOS BRINDANDO AOS NOSSOS LEITORES. SÓ O ESCRÚPULO EM NÃO APRESENTAR OBRA GRÁFICA QUE DESMEREÇA DAQUILO QUE JÁ MOSTRÁMOS NOS LEVA A MAIS UM ADIAMENTO, BEM COMPENSADO, DE CERTO, PILO BRILHO QUE, UMA VEZ COMPLETA, APRESENTARÁ A OBRA QUE ESTAMOS REPRODUZINDO

No Salão da Primavera, no Pôrto, estarão os CHAMPAGNES PIPER-HEIDSIECK — (Reims), os GRANDES LICORES ROCHER FRÈRES e COGNAC REMY MARTIN & C., representados por João Alves de Matos — Rua dos Fanqueiros, 277 — Lisboa

Por esse mundo



Fêz sucesso em Lisboa a obra de Marcel Pagnol, Topaze. A crítica armou-se de lóda a sua argúcia e de lóda a sua independência e notou, com justiça, que a obra é uma das mais belas do momento leatral em todo o mundo, que o desempenho revelou um artista apreciabilíssimo, que Amélia Rey Colaço é sempre uma artista deliciosa, que a montagem foi boa, que a tradução, a-pesar de ter muitos defeitos e de ter deturpado o original pela adição de frases de sabor revisleiro, linha por força de ser boa em vista dos nomes que a assinavam, etc., etc., etc. Mas esqueceu decerto aos críticos a análise de um faço. Topaze tem tanto de genial como de deletério, direi mesmo, de infame, como lição. Topaze é a apologia, levada ao requinte, do tripúdio tornado lei, do direito que o homem cerebralmente superior tem a burlar todo o mundo, enriquecendo à custa das mais baixas proezas. Topaze diz-nos, impiedosamente, e o que é pior, com uma verdade aparente, que a honestidade é a pior das condições inerentes ao homem; que a consciência deve ser amputada ao homem como inútil excrescência; Topaze, enfim, provando-nos, à evidência, que a honestidade trás muitas vezes consigo a miséria, pretende, artificialmente, provar com ares de axioma, que a inversa é igualmente verdadeira, isto é que, paradoxalmente, só há uma maneira de ser, na vida, um homem grande e respeitado: construir, a sua grandeza sobre um pedestal de lama, pagar o respeito alheio com dinheiro roubado à miséria dos outros. Dir-me não os críticos que não encaram a peça sob este prisma porque ela não os convenceu desta pseudo-verdade?!

Nem a mim, me convenceu, como não convenceu a nenhuma pessoa cuja educação moral seja bastante forte para resistir a um tão grande ataque de pessimismo, como não convenceu decerto, um espectador que, junto a mim, ostentava nos dedos umas dezenas de contos em «cachuchos» ganhos honradamente ao balcão.

Mas os outros?... Mas aqueles a quem uma detestável educação, presunçosamente moderna, não coraçaou devidamente para os horrores da vida, aqueles que vão ao teatro esquecer um dia cheio de preunções de derrocada, os muitos Topaze que, como o honesto professor primário do primeiro acto de Pagnol, veem a sua honestidade paga com «colocentos francos por mês e o desprezo de todos?». Esses todos não se sentirão lenhados a ser, um dia, como o Topaze do quarto acto, espalhando dinheiro às mãos cheias, respeitado pela lei, comprando os petróleos de Marrocos e a mulher mais bela de Paris? É uma peça genial, talvez, este Topaze, mas digna de gafaria!... Como é porém, o último sucesso de Paris, lóda a acellam. Aí do dramaturgo português de talento que ousasse encontrar empresário capaz de pôr de pé um Topaze feito dentro de fronteiras!...

Três assuntos de Espanha. Três assuntos interessantes para todos, portanto. A Semana da Galiza damos, entusiasticamente, o nosso apoio. Esta revista está, incontestavelmente, no primeiro plano das entidades que mais trabalham pela digna aproximação de Portugal com a Espanha vizinha e amiga. Por isso a ideia de Correa Calderon só pode ter em nós um novo entusiasmo. O cantinho de Espanha cujo coração mais junto de nós palpita, tem jus, da nossa parte, a um afecto sem reservas nem limites. Apenas, muito lealmente, aconselhamos ponderação na escolha de quem nos represente fóra de fronteiras. Não transformemos uma embaixada que tem de ser representativa do sumum da nossa mentalidade, numa excursão de recreio em que é sempre mais agradável ver os amigos

que os estranhos, ainda que os amigos tenham, em vez de talento, a altds soberba qualidade de serem bons-rapazes.

De Espanha também nos veem, a-pesar do rifão, bons ventos. Por ares e ventos, em verdade nos seus «Junkers», veio até nós o senhor Marquez de Quinlaner e Conde de Santibañez del Rio, ilustre ilustre, homem de rasgadas vistas modernas e grande amigo de Portugal. O seu governo delegou nele, com plenos poderes, a missão de organizar, em cooperação com o nosso país, as bases de turismo na península, aproveitando para início de tão útil colaboração a abertura do Certame Ibero-Americano de Sevilha. A recepção ao senhor Marquez de Quinlaner, as facilidades que encontre, devem provar-lhe que já em Portugal se vai querendo, conscientemente, à vizinha Espanha, a ponto de, francamente, nenhuma importância darmos, por sistema, a todos os mal-entendidos que almas bondosas pretendem criar, como foi, por exemplo, a omissão, decerto involuntária, da língua portuguesa de entre as línguas oficiais da Exposição e Congressos de Sevilha e Barcelona. Bemvindo seja o nosso ilustre amigo senhor Marquez de Quinlaner.

E para fechar esta nota «ibérica», uma nota... triste. O jornal de Madrid Gaceta literária, em contraste com a galhardia com que criou a «página portuguesa» mimostia-nos com a indicação do nome da nossa pátria na situação de província de Espanha. Reproduzimos, com sublinhado nosso, as linhas publicadas pelo seu director em 15 de Fevereiro último:

... sobre la de producción dinámica del actual Bilbao. He hecho ver que mientras el Sur—Cataluña, Portugal y Andalucía—proporcionan a LA GACETA LITERARIA planas enteras de novedades constantes, Vasconia apenas si logra enviarnos una noticia aislada. Si no fuera por las posi-

Ginenez Caballero, um escritor que é um perfeito «gentleman», ao visitar Lisboa deve ter dado, pelo menos, pela guarda de alfândega na fronteira; quanto a Ramon Gomez de La Serna, habitando o Estoril tanto tempo, teria perdido a memória?

Se assim não foi, decerto não leu a saborosa prosódia do seu ilustre discípulo, modelo de crítica que, em fac-simile, reproduzimos do número de 1.º de Março passado, sublinhando a nosso gosto:

Otra vez aparece Portugal, eterno centro de la inquietud peninsular. Pero aqui va dentro del centro del corazón ibero. Una guerra catalanista escrita por un portugués del ejército castellano. Brotan en tropel infinitas sugestiones. Escogeremos dos.

Primera. La amabilidad portuguesa, exquisitez de un hombre que peleaba y escribía paralelamente—y en ambos casos con corrección y cortesia. Portugal, tierra ideal de exquisita cortesía, es también esto, una avanzada de la América tropical: es la tierra masculina más exuberante y más triste que el mismo trópico.

Segunda. Paralelismo de Portugal y Cataluña, restos de aquellas entidades fracasadas que se llamaban León y Aragón—paralelismo de fracaso y contraste frente a Castilla—. Diferenciación entre un país inventor del Atlántico y otro país resumen del Mediterráneo; diversidad acutática que amarra a Castilla con sus anejos y deja fuera al andaluz, capital del mar de arenas. Castilla, síntesis; Cataluña, refugio; Euskalerra, recuerdo; Portugal, negación; Andalucía—con Alicante—, una «Cultura». Total: Iberia.—Benumeja.

Leu, Ramon Gomez de La Serna?... Mas não. Deve ter sido apenas um lapso dos nossos jovens e irrequietos amigos.

A chamada Questão dos painéis ressurgiu depois da averiguação feita de ser falsa uma carta de certo frade loio a D. Sebastião, documento precioso para todos aqueles que, a bem dizer, deviam ter recebido, talvez telepáticamente, ou por qualquer processo teosóficamente explicável, as confidências post-mortem do frade, o maganão, que sabia o x do problema tím-tim por tím-tim. Afinal o documento foi metido vilmente dentro dum precioso códice que para tal se mutilou. E o tal documento escrito a pena de aço, contém inexactidões de redacção e de caligrafia que são anacronismos de palmaria e, sobretudo, fazem-se lá afirmações sobre os maldadados painéis que desafiam lóda a boa vontade em torcer a lógica. O director do Museu, dr. José de Figueiredo, quasi ao mesmo tempo que se tornava pública a falsidade do documento, em sessão da Academia de que faz parte, reeditava, com mais convicção ainda, se é possível, a sua tese primitiva sobre a obra que se atribui a Nuno Gonçalves e logo, com ardo igual, de todos os lados, numa fusilaria, os seus velhos adversários o crivaram de ataques cerrados. E a questão vai de vento em popa. Será S. Vicente?... Santa Catarina?... O Infante Santo?... São João Evangelista?... e isto só para nos referirmos às hipóteses defendidas com seriedade e saber?... Eis o que talvez se não averigue em breve, tais caluções se desenharam na discussão. A não ser que... surja outro frade loio a escrever cartas com aparos Myers & Son L.^{da}. E talvez não, porque, ao que consta, a policia tomou conta do caso e com mestre Custódio das Dores em campo, o interessante erudito não deve estar em tranquilla impunidade.

A recente morte, em terras da União Americana, dum grande amigo de Portugal, o coronel Birch, quicô o estrangeiro mais simpático que tem pisado o solo do nosso país, vem pôr em foco, ante a nossa retina, essa grande Federação para a qual o mundo consciente olha como pintarróxo para cobra fascinadora.

Provavelmente, dentro em pouco, da Casa Branca emanarão ordens discretas para mais uma violência imperialista a pretexto da garantia dos interesses e vidas americanas no México sem emenda.

Será pessimismo supor que todos os irrequietos do mundo devam pôr «as barbas de milhões»? E não será pena termos perdido um amigo tão sincero na livre nação americana, tão pronia sempre à protecção desinteressada dos fracos?

Na sensacional entrevista, que no número passado inserimos, realizada por Mário Domingues com o sábio cronista do planeta Marie, almirante José Nunes da Mata, saíram, ao que parece, algumas inexactidões. Assim, o autor de «Frei João Mocho» solicita-nos, em carta, que declaremos em seu nome, ao público leitor que:—1.º Não é possador de arbutos do seu quintal visto ter mais que fazer e o seu caeiro ser mais hábil nesse serviço. 2.º—Nunca deu entrevistas a jornalistas no seu quintal, apenas as tendo dado na sua modesta habitação. 3.º—Não disse nem podia dizer contra o sr. dr. Afonso Costa a frase que lhe é atribuída, pois que, ainda que por absurdo assim pensasse, bastavam várias circunstâncias que cita para o inibir de proferir a frase citada.

No Salão da Primavera, no Pôrto, será expositora a grande casa de semfilismo RADIO-PORTO, uma das mais importantes da península



Livros e Escritores

Satanás deve estar sentindo seus amargos de boca: os intelectuais, que éle tantas vezes teve ensejo de considerar os seus mais diligentes cortesãos, voltam-lhe costas, cada vez em mais basto número e sem ponta de cerimônia. Vai éle a assomar o adunco focinho para o interior de qualquer volume saído em nossos dias, — e logo ante seus olhos igneos se desenhm as palavras Deus, fé, religião, que lhe dão calafrios, e logo do interior dessas páginas todos os sons se fundem num tremendo *Vade retro!*

Sim, a literatura de sentido místico intensifica-se, polariza as atenções, não menos aqui do que lá fora. Agora mesmo, dando aos mostradores das livrarias de Lisboa o aparato mais próprio da quadra quaresmal que decorre, o que domina nêlas são livros dessa espécie: à frente, *O último olhar de Jesus*, de Antero de Figueiredo; a seguir, a um lado, *Teresinha*, de António Corrêa de Oliveira, e a outro, *Vínculos Eternos*, de Manuel Ribeiro; por último, *Um sorriso de Santo António*, de Hipólito Raposo. Só depois, lá bem longe, se descortinam alguns livros profanos, a modos de legionários romanos às portas de Jerusalém. Falemos, pois, daquelas quatro obras em pleno êxito, tôdas elas saídas de penas illustres.

O significado do recente trabalho do sr. Antero de Figueiredo, éle próprio o exprimiu nestas palavras do volume: «Traços de biografia espiritual e artística de um escultor português, redigidos por um português homem de letras, para ensino de uma geração que se seguiu a outra empaludada pelo negativismo, esterilizada pelo scepticismo — geração de espíritos aristocráticos e elegantes, porém tão descrentes e irônicos que, muito derrotado e muito sorrindo, não souberam construir a obra alta que alimenta e transporta os sófregos do ideal». E o problema estético-religioso começa, termo a termo, capítulo a capítulo, a ser posto ante nós, na linguagem brunida, com seus ecos de classicismo, que constitui um dos predicados mais notórios da personalidade literária do romancista da *Leonor Teles* e do *D. Pedro e D. Inês Romance*? O autor não lhe chamou assim, para que melhor se nos incuta o carácter de espelho de um conflito psicológico, bem real e palpitante na atmosfera que respiramos, que o seu livro se propôs ser. Leonardo, o protagonista, amassa na sua alma em crise as dúvidas e as aspirações de todos os homens que, educados no racionalismo, sentem, ao descer a encosta da vida, a sede do ideal: desiludem-se êles então da certeza das doutrinas que figuravam o universo apenas na aglomeração de matéria em contínua transformação, e reconhecem que há forças espirituais a regularem a rota do homem no mundo. O drama de Leonardo é, pois, representativo de um drama de muitas almas, pelo que a última obra do sr. Antero de Figueiredo alcança assim o valor de um precioso documento da renascença espiritualista que se está operando na gente de hoje. Como lavor literário, há páginas de soberana beleza no *Último olhar de Jesus*: por exemplo, aquelas que nos falam de Florença. O autor alheia-se talvez do assunto, deixa-se talvez penetrar de sensações pagãs — mas dá-nos um quadro fresco

de tintas, em cuja pintura se expande um voluptuoso temperamento de artista.

Num parêntese da reedição definitiva das suas obras, reedição há pouco iniciada, o grande poeta que é o sr. António Corrêa de Oliveira presenteou-nos agora com um milagre em cinco quadros, *Teresinha*, que ficamos considerando, sem exagero, uma das mais inspiradas obras do autor. A acção desenrola-se no lar de um dramaturgo, mas um lar tranquilo, amável,

que sentencia assim: «La vie humaine, donc, par un côté, par ses ambitions idéales, participe naturellement de la religion. Comme il est clair que, par l'autre, par son rapport à la nature elle participe de la science, puisque c'est à la science qu'elle demande les moyens d'atteindre ses fins, il paraît juste de voir dans la vie le trait d'union de la science et de la religion.»

Um sorriso de Santo António é uma pequena novela que se passa num convento e onde assistimos a um caso de amor que tem bastantes pontos de contacto com os romances de Camilo. Caso de amor que o peccado não mancha e sobre o qual por fim a felicidade, com as suas setineas asas, condescende em pensar. E como moldura dêsse idílio casto, a narrativa de um milagre do nosso bom Santo António de Lisboa, tudo isto expresso numa linguagem sugestiva e castiça, que é a que o sr. Hipólito Raposo, escritor culto e probo, sempre usou.

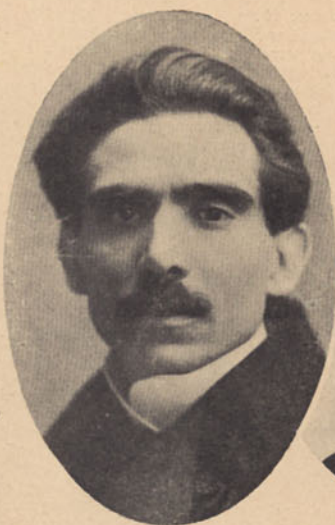
Milagres, conversões, vitórias da fé: quatro escritores, — *le moins de Dieu*, para usar de uma frase de Jacques Maritain, outro convertido — com êsses temas construíram os seus livros. Grandes amargos de boca deve estar sentindo Satanás, não tenham dúvida...

De literatura colonial, mais dois volumes entraram agora na nossa estante: um, *A crise de Angola*, subscrito pelo sr. Domingos da Cruz, que de riu conhece os problemas daquela nossa extensa, mas tão mal aproveitada, possessão africana, falando dêles, neste livro, com bem evidente propósito de contribuir para a sua completa solução; o outro, escrito por um antigo colonial francês que viveu anos longos em Quelimane, onde teve ensejo de colher, quer curiosas impressões sobre cagadas a várias espécies de feras, quer interessantes notas sobre o viver dos indígenas da região. *Vieux Souvenirs de Chasse au Zambèze*, é como se intitula o segundo dos livros em questão, sendo Georges Stucky de Quay o nome do seu autor.

Mais uma aclêga para a famigerada questão dos painéis de S. Vicente: o sr. A. Sousa Gomes, num opúsculo agora posto a correr mundo e denominado *A sigla de Nuno Gonçalves*, declara não lhe restar dúvida de que êsses painéis por Nuno Gonçalves, pintor de D. Afonso V, foram executados. E diz porquê e como chegam a tal conclusão.

Em favor do monumento à Rainha D. Leonor, que se pretende erigir, entrou há pouco no mercado livreiro um volume de boa leitura, cuja publicação se deve à iniciativa do sr. dr. Fernando Correia: nas suas páginas arquiva-se a *História da Rainha D. Leonor e da Fundação do Hospital de Caldas*, que é parte dum manuscrito que, há perto de três séculos, a mão diligente de Frei Jorge de S. Paulo, provedor que foi do Balneário daquele estabelecimento, escreveu. Aparte o carácter de panegírico da régia fundadora do Hospital e dos elementos históricos que sobre o funcionamento dêle naquela remota época o escrito nos fornece, êste é também digno de leitura pelo que, em volta do assunto central, o autor nos narra relativo à vida da corte e do povo naqueles tempos.

CÉSAR DE FREIAS.



A ESQUERDA: — António Corrêa de Oliveira
A DIREITA: — Manuel Ribeiro



onde os dramas de que é sulcada a existência humana só se manifestam sob o aspecto literário: no trabalho do escritor a que éle pertence.

Um dia um filho muito querido adoece gravemente. A felicidade naquella casa tolda-se. A sciência intervem mas declara-se impotente. Porém a criança é salva pelo poder miraculoso de Santa Teresinha, que atende os rogos daqueles pais aflitos e do próprio infante. E os médicos scépticos, reconhecendo que a fé ali fizera o que a sciência não pudera fazer, abalam tanto o seu scepticismo, que se convertem. História simples, mas bela, muito bela: versos de um exímio onrives da forma, vestido um tema de muita elevação espiritual, de inexcêdível delicadeza.

Em *Os Vínculos Eternos*, num cenário minhoto, Manuel Ribeiro deu-nos agora um novo caso de conversão católica: a de um moço anarquista, que, indo fugido às autoridades, se acolhe a casa de um padre, o qual se lhe afeiçoa e o consegue catequizar. Passo a passo, vemos êsse duro combate das convicções libertárias, ateístas do rapaz com o fervor apostólico do sacerdote, que é um coração só feito de bondade. Figuras imprevisitas, nobres pela sua sinceridade, cada qual dentro do seu campo, clas expõem ante o leitor um dos mais curiosos problemas da filosofia contemporânea: o problema da sciência e da religião. Devem elas combater-se, é impossível o seu acôrdo? Manuel Ribeiro, ao fundarmos a leitura da sua interessante obra, que tem o mérito de, amavelmente pôr ao alcance do público ideas que, nos trabalhos estritamente doutriniários, andam apresentados sob uma forma muitas vezes abstrusa, leva-nos a recordar aquele período de Emile Bontronx

No Salão da Primavera, no Pôrto, estarão representados os VINHOS BORGES, porque os "vinhos Borges são vinhos"



DIEGO VELAZQUEZ DA SILVA
Retrato do Príncipe D. Baltasar Carlos

MUSEU DO PRADO — MADRID

FIGURAS — DO — MOMENTO



MARQUÊS DE QUINTANAR

ILUSTRE amigo de Portugal e prestigioso escritor, que visitou o nosso país comissionado pelo governo espanhol para o estabelecimento da cooperação turística das duas nações peninsulares.



ILSE YOSKI

ILUSTRE senhora da alta sociedade berlinesa, desenhadora de muito mérito e sincera amiga de Portugal, que actualmente está terminando a pintura dum formoso retrato a óleo do nosso compatriota dr. António Menano, retrato que teremos a honra de publicar em breve.



GUILHERME FARIA

Um dos malogrados poetas, um dos mais notáveis da moderna geração, cujo livro póstumo «Desencanto», tão merecido sucesso está alcançando.



DR. FERNANDO TAVARES DE CARVALHO

Um distinto notário lisboense que realizou na Academia Matritense del Notariado, de Madrid, uma brilhante conferência sobre «A profissão do Notário», em que revelou uma ampla cultura e profundos conhecimentos técnicos da sua especialidade.



HERMANO NEVES

Um dos mortos da lutuosa quinzena. Jornalista moderníssimo, grande repórter que iniciou uma escola de trabalho, deixou funda saúde nos meios intelectuais.



ALEXANDRE MENDONÇA ALVES

Um dos pioneiros do automobilismo, co-proprietário do gigantesco «Palace Stand», e introdutor desde 1914 em Portugal dos afamados «Chevrolet», de que o recente modelo exposto, de 6 cilindros, é a última palavra da indústria americana.



AUGUSTO GIL

Um maravilhoso artista de «Luar de Janeiro» e «Alba Plena», uma das figuras mais representativas da intelectualidade portuguesa, morto há pouco em plena pujança do seu talento.



COMANDANTE CARLOS FERREIRA

Novo administrador dos territórios da Companhia de Moçambique, e um dos nossos mais ilustres coloniais, com a sua competência sobejamente demonstrada em governo de províncias ultramarinas e em várias comissões da especialidade.

No Salão da Primavera, no Pôrto, estarão expostas as maravilhas mecânicas e acústicas que são os super-gramofones POLYDOR, de fabrico alemão, da Galeria de Novidades — Pôrto

CRONICA MUSICAL

FACTOS — IMPRESSÕES — OPINIÕES

OS TRÊS ÚLTIMOS CONCERTOS DO CICLO BEETHOVENIANO

Os primeiros três concertos de que já demos aqui conta abrangiam os trios e sonatas a duo de Beethoven desde 1793, o início por assim dizer *oficial* da sua vida de compositor, até 1802. Os três últimos vão desde 1802 até 1815 com as sonatas para piano e violoncelo op. 102. Beethoven ainda viveu quasi doze anos depois do período em que escreveu o seu op. 102, mas com essas duas sonatas chegamos já, no entanto, ao limiar da chamada 3.^a maneira do Deus de Bonn.

Rememoremos mais uma vez alguns episódios da vida de Beethoven, por egoista prazer nosso quanto mais não seja...

A primeira década do século XIX, foi, como é natural, a mais violenta época Beethoveniana — exteriormente pelo menos. Em 1801 tinha trocado promessas com Giulietta Guicciardi, immortalizada pela sonata «Clair de lune». Em 1803, Giulietta casava com o conde Gallenberg, e Beethoven pensou morrer, — mas dizer que Beethoven «pensou morrer» não exprime nem sombra da intensidade com que Beethoven deixou o facto consignado na sua correspondência. É que no que conhecemos do montão de prosa que Beethoven nos legou não encontramos nada que nos comova e nos interesse a fibra mais íntima da alma como a sua correspondência, — não porque Beethoven fôsse, sequer de longe, um literato!... — mas como ele, mesmo quando se refere, como bastas vezes, a factos comezinhos com expressões que atingem a trivialidade, estamos nos antípodas do romance forjado, da atitude feita, e o nosso entendimento alcança em cheio a braza incandescente de que é amalgamada a alma Beethoveniana. Entre um Wagner, que permite à sua segunda mulher que ela reclame a Mathilde Wesendonck, para as publicar, as cartas, realmente vibrantes de paixão e poesia com que Wagner assinalou em prosa a coragem sentimental que lhe inspirou o «Tristão e Isolda», e um Debussy, que aborrecia até ao doentio a mínima alusão à vida privada, Beethoven é o prototipo do Homem Absoluto, a Sinceridade que nem sequer pensa em abrir-se ou retrair-se, deixando o feito da criatura erguer-se aos olhos de todos tal qual é. (Vem ao caso reparar que nem por isso em casos destes é menos complexa e complicada a formação do sub-consciente. Quanto ao cuidado com que Beethoven tentou durante largos anos esconder a surdez dos indiferentes, o recato com que falava dos entes que estremecia, não podem esses factos entrar na conta de faltas de sinceridade).

Em 1806, era o noivado com Tereza de Brunswick, a vida a sorrir outra vez, a prometer compensações terrestres, e em 1810, de novo o rompimento, a desolação, — de índole diversa, porque Tereza de Brunswick ficou fiel a Beethoven até à morte. E Beethoven, na pujança da vida, continua ascendendo, socialmente, até 1814, ano em que conheceu o apogeu da glória, parcial embora, e à custa

de obras de circunstância que estão longe de ter o valor de tantas e tantas outras obras Beethovenianas. Quasi sem transição, em 1815, morriam todas as fagulhas de alegria exterior; — ficava Beethoven na surdez completa, e morria-lhe um irmão, deixando-o tutor do seu sobrinho Karl, de quem sonhou fazer seu filho adoptivo, — a razão dum lar que não conseguiu pelo amor legitimado e nunca quiz pelo amor ilegal, — e foi apenas origem de mais amarguras...

Dêste período, assás largo — 1801-1815, mas curtíssimo, pensando na abundância de produções soberbas que viu nascer, datam nada menos do que sete sinfonias todas admiráveis e modelares; quatro «concertos» de piano e um de violino; treze sonatas para piano, entre as quais a «Clair de lune», a «Appassionata», a «Aurora»; quartetos, quintetos e septiminos; a ópera «Fidélis»; um grande número de peças mais pequenas



Máscara mortuária de Beethoven, por F. Klein

para orquestra, piano, ou voz; e pertencem também as obras interpretadas nesta segunda metade do ciclo Beethoveniano organizado por Viana da Mota com a colaboração de Paulo Manso e Fernando Costa: as sonatas para piano e violino op. 30 n.º 2 e n.º 3, op. 47 (a Kreutzer), op. 96; as sonatas para piano e violoncelo, op. 69, op. 102 n.º 1 e n.º 2; e os formosíssimos trios op. 70 n.º 1 e n.º 2, e op. 97.

Em linhas gerais, reconhece-se infalivelmente na obra musical a evolução do temperamento do artista e a sua relação com o mundo exterior. Mas achamos infantil que se procurem parentescos absolutos entre episódios ou factos emotivos da vida do artista e a obra que parece corresponder-lhe cronologicamente. *Da alegria pode nascer tristeza; da tristeza, alegria; do despeito, expansão que se assemelhe a entusiasmo, do entusiasmo, uma grande calma; do desespero,*

resignação, suavidade; da ventura, o terror de a ver acabar; e da paz divina quasi a possibilidade de abarcar e exteriorizar as tempestades de toda a espécie que nos rodeiam: do que não se deprende tão pouco que essa oposição seja norma, — pois a verdade é que não existe norma única, múltiplas são as normas, pelo contrário, e quanto mais rica a faculdade criadora, mais escapa a quaisquer análises.

Fernando Costa, o violoncelista de invulgar mimo no fraseado e perfeição no remate, teve os seus melhores momentos no «Scherzo», «Adagio» e «Final» da sonata op. 69, e no Adagio da sonata op. 102. Paulo Manso, violinista de melodia expressiva e quente, ritmo seguro e maleável, atingiu relêvo máximo na sonata a Kreutzer. Viana da Mota, sempre mais e mais se vai elevando à medida que a composição se afunda na transcendência do mistério humano e na ingratidão da técnica.

Como obra, é-nos impossível pormenorizar tudo que nos enlevou e nos apaixonou. Deixamos então marcada a última peça do último concerto, o gigantesco «trio ao arquiduque Rodolfo», que nos subjugou e ao mesmo tempo nos libertou, no mar largo da música em que tudo é grandioso, harmonioso e expressivamente musical.

O VIOLINISTA JACQUES THIBAUD

Depois de Bronislaw Uberman, Jacques Thibaud. Nas duas personalidades o mesmo antagonismo do que nos dois nomes.

Thibaud, *gentleman* sorridente e afável, nem suspeita de certo as comparações que a sua apresentação provoca. No grande público, triunfou com o encanto e a elegância dos velhos mestres italianos ou franceses, — Vivaldi, Corelli, Leclair, — e a todos subjugou com a delicadíssima realização duma «Valsa» de Brahms; no grupo mais restrito de conhecedores ou de temperamentos aguçados, fê-lo então triunfar o doloroso «poema» de Chausson, acompanhado com realce emotivo pela orquestra sob a regência de Pedro de Freitas Branco. E no estilo impecável de Jacques Thibaud, no seu carinho pelas frases cantantes em tom de íntima confidência, percebe-se logo o exímio intérprete de música de câmara.

Depois do concerto, enquanto esperávamos que abrandasse a balbúrdia dos corredores aonde se aglomeram os inúmeros colecionadores de autógrafos de artistas célebres, diz-nos alguém, violinista ilustre também, que dois termos lhe bastavam, no lugar do crítico ou do cronista, para definir artistas de tamanha envergadura.

Só dois termos... Ou tinham de ser achados com um conhecimento do vocabulário e uma justeza genial de conceição, a que renunciávamos, ou tinham de ser apenas expressões superlativas que em si não definiam coisa alguma... Não; modéstia à parte, o nosso hábito de discorrer e dissertar não se nos afigura nem ócio nem inútil. Nêle concentramos o nosso desejo dum aperfeiçoamento, ou a continuação mais pávida embora, do prazer, do gozo, — a evocação avivada de momentos que o tempo não consegue devorar tão depressa como se devora a si próprio.

Março de 1929.

FRANCINE BENOIT.

D. FREI FORTUNATO DE S. BOAVENTURA

É mais do que positivo que, sem este título e a humilde prosa que o vai acompanhar como deluzido cortejo de palavras destituídas de valor, a totalidade dos leitores não conheceria a grande figura de erudito e polemista que apresentamos nesta página. O retrato é absolutamente inédito e, julgamos, o único existente da personagem em questão: descobri-o em Itália o ilustre investigador, sr. Marquês de Faria, que gentilmente no-lo comunicou para ser arquivado nas páginas desta revista. Com os nossos emboras pela gentileza da oferta, seja-nos lícito pôr em relevo o alto valor iconográfico e o acto de plena justiça que representam o retrato e a sua estampa nas colunas da *Ilustração*. É que se trata duma das mais fortes individualidades portuguesas do século passado: trata-se dum grande valor da nossa literatura injustamente esquecido pelos historiadores, ou então vilipendiado ascrosamente pelos raros que o leram. Para estes e para a grande multidão dos que formam o seu parecer pela história barata ou pelas catilinárias da imprensa de combate, o erudito monge aqui retratado foi uma espécie de besta-fera, um energumeno que, ao serviço da causa que seguia, punha tôdas as más qualidades que lhe esfervilhavam na alma, tôda a ferocidade de propósitos sanguinários e a mais requintada estupidez...

É assim que, geralmente, é conhecido aquele que se chamou o Doutor D. Frei Fortunato de S. Boaventura, arcebispo de Evora e um dos indivíduos mais célebres entre os vários que o advento das idéas liberais pôs em fóco.

No entanto, crêmos, a excomunhão literária que sobre nós caíra depois da justiça prestada a este grande vulto da erudição e da polémica portuguesas, tal excomunhão por forma alguma poderá destruir as bases fortes sobre que assenta a nossa admiração por ele. Falam em abono do monge historiador as *Memórias da Academia*, aonde a sua pena, destra e cultíssima, deixou três estudos magníficos sobre as pessoas e escritos dos cronistas mores Fr. Bernardo de Brito, Fr. António Brandão e Fr. Francisco Brandão; defendem-no o *Commentarium de Alcobacensi Menuscriptorum Bibliotheca libri tres*, contribuição benemérita e sapiente para o estudo dos numerosos códices existentes em Alcobaca e tão boa ou tão má que mereceu os elogios do erudito Cardeal Mai; a *Historia chronologica e crítica da Real Abbadia de Alcobaca*; a *Collecção de inéditos portugueses dos séculos XIV e XV* e muitos outros trabalhos que seria longo enumerar aqui... Quantos se dedicam a estudos de história literária sabem muito bem o que esta deve ao eruditíssimo frade, e que valiosíssimos materiais ele carreou e pôs ao dispor de tôda a gente!

A verdade, porém, é que, os seus antagonistas, desconhecendo-lhe em absoluto a obra de historiador e de crítico literário, apenas se voltam — desconhecendo-a também — contra a sua obra de panfleto e ardoroso polemista. Para êles D. Frei Fortunato de S. Boaventura é apenas o homem do *Mastigofo* e da *Contramina*...

É, no entanto, como se ganharia imenso com a leitura da obra de polémica do frade arcebispo de Evora!... Os três mais célebres defensores da causa do promotor da Vilafrancada, foram o Padre José Agostinho de Macedo; o abade de Rebordosa, Alvaro Buela Pereira de Miranda; e D. Frei Fortunato de S. Boaventura. Mas, ao passo que o celeberrimo Padre Lagosta e o façanhado galego de Rebordosa ofereciam, com a sua vida miserável e cheia de lama, um flanco por demais vulnerável à crítica dos adversários, o monge alcobacense, em virtude da sua existência exemplaríssima permanência e permanecerá idemne a tôdas as zargunchadas e doestos dos seus inimigos. A vida do Padre José Agostinho, — gracioso desfradado que roubava os



livros do convento e os ia vender para andar na pândega; monge goliardo e, ao depois, simples padre que vivia amancebado com uma freira trina; defensor da causa absolutista e autor, entre coisas excelentes, de outras que eram mi-sérias de cunho fescenino e virulento; — a vida do Padre Alvaro Buela — o energumeno que pedia a cabeça dos liberais e até a dos inocentes que iriam nascer e fôsem filhos dos partidários do Liberalismo! e, que ao depois, ruidosamente, ao vencer a causa de D. Pedro, se passava com armas e bagagens para os adversários de ontem — a vida desses dois polemistas do Absolutismo formava um contraste formidável com a do monge que veio depois a ser arcebispo de Evora... Em D. Frei Fortunato de S. Boaventura nada havia que censurar pelo que respeitava à sua personalidade moral: o polemista deixava-se guiar apenas pela sinceridade das suas opiniões, jamais pelo despeito, pela truculência, pela falta de caridade. Combatia ardorosamente por uma causa que se lhe afigurava cheia de justiça e, quando exilado em terras de Itália aonde a morte o surpreendeu dez anos depois, nem um só passo se afastou de tal causa, sem se importar com o exemplo de tantos outros, comodamente anichados pelo Liberalismo triunfante mercê da elasticidade das suas consciências... O polemista do *Mastigofo* permanecia no exílio aquilo que fôra durante os seus anos de clausura em Alcobaca; o erudito da *Historia Chronologica*, êsse continuava em longes terras, e no meio da maior pobreza, a sua obra de benemérito estudioso...

Afirmamos, porém, mais acima que, D. Frei Fortunato de S. Boaventura, bem merecia lhe

lêssem a obra de polemista... É que, sendo a poesia do seu tempo de lutador uma verdadeira miséria, sem calor, nem elevação, reduzida por assim dizer às chibelas produções de académicos frustrados e às parvoíces rimadas do José Daniel da Costa, em contraposição a prosa dos dois adversários das idéas liberais — o Padre Lagosta e D. Frei Fortunato — atingiu um brilho e uma força extraordinárias. Revive nela um poder de expressão formidável; corre por tôda ela um sangue vivificante, puro, absolutamente popular e sadio; ao palhicho, à farrapagem, delida e podre, que enchia as obras de quasi todos os escritores da época, substituíram os dois adversários do Liberalismo a linguagem nervosa, rija e colorida do nosso povo.

Há páginas da *Besta esfolada* e do *Mastigofo* que são verdadeiros modelos de saborosa e expressiva prosa lusitana: o seu vocabulário, a argumentação, as imagens, o boleo, o vigor da expressão, atingem por vezes consciências espantosas, ferem, contendem, amachucam, reduzem ao silêncio. São verdadeiros manuais da língua portuguesa — e de erudição espantosa, também! — os panfletos dos dois grandes adversários do Liberalismo: corre por êles o sangue forte, vermelho e rico da gente portuguesa, à qual se dirigiam; da massa, obscura e pletórica de seiva, com a qual se punham em contacto: estão a mil léguas do academismo alambicado, das produções do tempo e da francesia de idéas e de sintaxe que enformava as obras dos primeiros polemistas do Constitucionalismo.

Por isso o povo as compreendeu e quis, dando-lhes uma aura de favor que baldadamente procurariam as produções dos adversários do Absolutismo...

ARIEL.

No Salão da Primavera, no Pôrto, estarão expostas as porcelanas eléctricas e uso doméstico da ELECTRO-CERÂMICA de Vila Nova de Gaia, a maior fábrica da Península

ANGOLA NOVA

A DEFESA DA RAÇA
NEGRA PELO SANEA-
MENTO DA NOSSA
COLÓNIA MAIS RICA
E PELO COMBATE À
DOENÇA DO SONO

É dever da boa imprensa contribuir, no máximo das suas forças, para a destruição completa da lenda da «África Tenebrosa». Neste momento, absolutamente notável da nossa vida nacional, em que estão postos em



Um aspecto da vila de Golungo-Alto, depois do saneamento



Fazendo a punção ganglionar no povo duma *Banza*

equação, límpidamente, os dois magnos problemas da colonização de Angola e da imigração, quer-nos parecer que muito contribuirão para os resolver todos aqueles que, bem alto, falem ao povo a linguagem da verdade, fazendo-lhes ver que é, além duma poderosa obra de ressurgimento nacional, uma realização formosíssima pelos resultados futuros, o desvio da corrente imigratória, do exodo de braços que, todos os anos, demanda terras hostis do Brasil, para os belos e magníficos e incomparáveis planaltos da nossa Angola. É lá, agora, diga-se sem sofismas, o terreno propício para aqueles que, do trabalho querem extrair o bem estar e a alegria. O papão da «África Tenebrosa» tem que desapa-

receer. Angola é terra de brancos, também.

As terríveis doenças de que, românticamente, se tem dado o exclusivo a Angola e à África em geral, existem, por desgraça, em toda a parte. A doença do sono, que parece, porém, ser típica daquelas regiões do globo, era até há pouco, quasi que exclusivamente flagelo da raça negra. É verdade; mas vejamos também outra verdade em contrapartida, a verdade formosíssima que é hoje a campanha anti-hipnótica nas zonas da *tse-tse*.

A doença do sono foi um dos maiores flagelos devastadores das populações nativas, em terras de Angola. Mais do que as guerras



Os missionários, após os actos de culto, fazendo leitura das lições de propaganda anti-hipnótica

O Salão da Primavera, no Pôrto, tem o patrocínio das ilustres colectividades Associação Industrial, Associação Comercial, Associação dos Comerciantes e Centro Comercial, da capital do Norte

e epidemias várias, a hipnose dizimou os povos da orla infectada, com uma voracidade inaudita.

O Alto Comissário da República, engenheiro Vicente Ferreira, apoiado na orientação científica do dr. Damas Mora, que já fôra, nestes domínios, o grande colaborador do general Norton de Matos, deu à campanha anti-letúrgica uma amplitude tal, que não será exagêro afirmar-se o extermínio da terrível pestilência, num período de tempo relativamente curto, colocando-nos, assim, ao lado dos primeiros países colonizadores do Mundo.

As nossas gravuras representam alguns aspectos da nova fase de assistência ao indígena de Angola, no Sector Sanitário de Golungo-Dembos, onde a campanha se desenvolve sob a direcção do ilustre facultativo dr. Lavrador Ribeiro, há cêrca de dois anos e meio. Nela tem havido a persistência dum verdadeiro apostolado, numa terra virgem de tão grandes cometimentos.

Numa dedicação imensa, numa labuta sobrehumana, o abnegado homem de ciência percorre trilhos imensos, visitando, constantemente todas as povoações do sector, vigiando a saúde dos indígenas, fazendo trabalhosas punções ganglionares, aconselhando práticas higiênicas e ainda, sobretudo, instruindo um vasto corpo de enfermeiros auxiliares de côr que, mais tarde, espalhados por todo o território, podem beneficiar com os seus conhecimentos, vastíssimas regiões onde é quasi impraticável a vigilância médica constante. Serão êsses uns humildes mas fortes obreiros duma Angola Nova e com a sua acção terão secundado, proficuamente, não só quem iniciou esta bela campanha de saneamento como todos aqueles que sonham para Angola



O ilustre médico e filantropo dr. Lavrador Ribeiro, no seu gabinete de chefe de sector sanitário de Golungo-Dembos, onde tem posto em acção verdadeiras cruzadas de saneamento da região



Um grupo de praticantes para enfermeiros, no sector do Golungo-Alto

um futuro cheio de belas afluência dos indígenas para lhes ministrarem realidades. Também notabilíssima tem sido a acção dos missionários cristãos em toda a profrena campanha. Sempre, depois dos actos de culto e depois da prédica evangelizadora, em pleno sertão angolano, os propagadores da fé aproveitam a

afluência dos indígenas para lhes ministrarem conselhos de ordem higiênica e os induzir a medidas profiláticas, contra a doença do sono, até ali desconhecidas daquelas populações em estado quasi primitivo. Bem haja a todos, que todos colaboram, formidavelmente, na edificação de uma Angola Nova, que o mesmo é dizer um Portugal Maior e Mais Forte, sublime ressurreição dum poderio magnífico.

J. F.

No Salão da Primavera, no Pôrto, exporá ALINANDA o livro "Arte de Bem Comer" uma maravilha num "stand" maravilhoso de pitoresco

IDENTIFICAÇÃO DOS

PAINÉIS da BRAZILEIRA

NO ANO

TRÊS MIL

As sciências psíquicas estão na moda e as discussões sobre painéis, escolas e pinturas ameaçam tornar-se crônicas. O que admira portanto que, ganhando tempo ao tempo dêmos hoje à publicidade documentos que nos hão de ser enviados... daqui a 2.000 anos e picos?

Quem ousará, de boa fé, afirmar que estes documentos não apareçam, que a nossa previsão à Wells não seja a verdade adiantada?

Quem poderá asseverar que, no ano 3.000, não venha a dar-se uma discussão pública, escandalosa, acerada, caturra, sobre as tábuas ou telas que se encontrem nos escombros do Chiado de onde terão, de-certo, desaparecido os cafés e os ociosos para se erguer a torre altaneira da Metropolis ou o confuso labirinto da Central científica do Crime? Quem o negará?...

Quem ousar fazê-lo incorrerá num ridículo tão grande como o que caíra sobre um coevo de Afonso V de quem se descobrissem agora, sem mais nem menos, coletâneas de velhas cartas em caracteres bizarros, dirigidas aos contendores do prêmio dos painéis, explicando-lhes miudamente como eram as barbas e os capacetes antes e depois do restauro, como se explica que a figura central possa parecer tanta gente ao mesmo tempo e outros mistérios ainda por aí muito discutidos.

Cremos, portanto, que nos assiste o direito, à face de todas as teorias oculistas, etc., de antecipar de dois milheiros de anos a publicação sensacional dos preciosos documentos que se seguem. Se êles não apparecerem, nessa época, aqui lançamos as culpas, desde já, para os sábios dêsse tempo futuro que não terão sabido procurá-los entre os códices em papel *couché* que folheiem nas bibliotecas futuras. E a todos que hoje nos lêem, daremos por testemunhas nesse ano 3.000, se os casos chegarem às mãos da justiça...



O SANTO PROTECTOR DOS INTELECTUAIS DO CHIADO

tornar públicos, por intermédio da vossa muito lida revista.

Depois de dez anos de aturados estudos Topsisius descobriu, que existia no século XX uma velha Universidade em Cacilhas, lugar que, segundo o mesmo erudito investigador, ficava próxima de um monte chamado Almada.

Existia no alto dêste monte uma antiga fortaleza, que desapareceu completamente, não se sabe se, devido a um fenómeno sísmico, se última das muitas revoluções que, nessa época, se realizavam com muita frequência.

Ora esta descoberta vem ao encontro de muitas observações por mim realizadas quanto à identificação dos já célebres painéis da «Brasileira».

A linha académica, o traço por vezes clássico dos dois painéis atribuídos a Almada, e que eu sempre refutei como pertencentes a esse ciclo, confirmam a minha opinião, anteriormente exposta, e esclarecem-nos com um poder de verdade incontestada, sobre a terra ou localidade que teve por filho o glorioso autor dos aludidos trabalhos.

Almada, não é o nome do autor dêsse quadros. Almada, nunca existiu. Tem sido um erro de há muitos anos esta afirmação. Almada é o nome da terra onde viveu e completou os seus estudos o famoso pintor. Não está ainda bem estudada a maneira como o célebre pintor se encontrou feito aluno da Universidade já citada mas é incontestável que essa famosa escola de pintura o guiou nos seus primeiros passos e lhe deixou profundas influências que o immortalizaram.

Destá vez os críticos de arte, e os meus illustres colegas, apodarão de ousadia a minha afirmativa. Com effeito, poderia parecer uma perigosa fantasia esta minha asserção, se um feliz acaso não me deparasse nos ar-

Sr. Director:

Os recentes trabalhos de Topsisius, pseudónimo de um dos mais ousados investigadores dêste ano da graça de 3.000, realizados na margem esquerda do Tejo, permitem lançar alguma luz sobre um curioso problema de história de arte, para o qual chamo a atenção esclarecida de V. Ex.ª, depois da leitura dos modestos trabalhos de investigação e compilação que passo, com a devida vénia, a



Como se prova tendo identificado o pintor do século XX com o José de almada Nascidos num dos paises da Brasileira

Essa identificação é feita logo se verifica, por este auto-retrato daquelle pintor onde se prova haver de nas uma figura semelhante a de almada e de brasileiras

No Salão da Primavera, no Pôrto, estará o rei dos criadores de chapéus, TATA, "chapelier en vogue", medalha de ouro do Salão de Outono



Os quadros de Almada são apenas fragmentos do mesmo painel de Cacilhas

quitos particulares de uma família que conta entre os seus antepassados vultos de polpa, que então se chamavam republicanos históricos, uns desenhos que tiram todas as dúvidas.

Trata-se do verdadeiro retrato do autor dos dois trabalhos, atribuídos erradamente a Almada.

Até agora tem-se afirmado que Almada figura num dos quadros. Nada mais errado. Esta falsa interpretação provém do facto de uma das figuras do quadro estar mostrando um ensaio de perspectiva futurista sobre o castelo de Almada, onde o pintor esteve preso, por não querer dançar, a «Princesa dos sapatos de ferro».

Era o arrependimento, era o acto de contrição que o levou ao convento.

Neste bailado, o célebre pintor, fazia de diabo. Nêsse tempo, como é fácil provar com documentos da época, existia o medo das Curças no Astral. O poeta Ferreira Gomes, como se sabe, proclamava Fernando Pessoa, notável poeta e filósofo do futurismo, o Rosa Cruz português do século XX.

A velha tradição da Universidade defendeu o pintor do ocultismo e um grande arrependimento, levou-o a professar, depois de se entregar à prisão recusando figurar de diabo; facto este, bem conhecido.

Pelo desenho do verdadeiro autor dos quadros atribuídos a Almada, isto é, pelo seu auto-retrato, fica-se sabendo que Almada, é por consequência o nome da terra do célebre pintor, e que este, é nada mais nada menos, do que Frei João Mocho.

De V. Ex.^a etc.

R. P.

Sr. Director:

O artigo de R. P. illustre autor de valiosos subsídios para a História dos Pintores de Café, no Século XX, e publicado no penúltimo número da sua muito apreciada revista, estimulou o meu propósito de tornar público um esclarecimento sobre os quadros atribuídos a Almada, esclarecimento que faz parte de um estudo que brevemente virá a público com uma tão valiosa, como azultada documentação.

Por agora, é bom que se diga, que os famosos quadros que com muita razão, o senhor R. P. atribui a Frei João Mocho, cons-

tituem ambos uma só peça. A perspectiva do fundo, a mesma tonalidade verde-azul, que dá o ambiente ao quadro e a posição das figuras, não oferecem a menor dúvida de que os dois quadros são apenas dois assuntos de uma só tela.

Junto envio a V. Ex.^a o estudo gráfico da minha asserção, e por aquele se verificará que as figuras em torno da mesa se encontram numa praa, ao ar livre, próximo das duas banhistas. As atitudes torcidas, e os olhares enviados das figuras da mesa, outra coisa não significam senão que as referidas figuras olham de soslaio o nú descabelado, próprio da época, das banhistas. É curioso notar como o artista conhecia o segredo da conservação das lintas, o que permite saber qual a cor exacta da moda, no século XX, cor com que as senhoras elegantes, pintavam a pele. No século anterior, as mulheres pintavam-se de negro, moda lançada por Josefina Baker, a célebre imperatriz duma famosa cidade chamada Hollywood, onde imperou a célebre dinastia conhecida por «Cinemas». A cor da moda era a cor de lagosta como muito bem se observa no quadro do artista.

Provada a existência de um só quadro, em vez de dois como até agora se tem dito, resulta perfeitamente verosímil que Almada não pertença ao «ciclo dos pintores dos cafés». As figuras em redor da mesa não estão bebendo o precioso líquido nem discutindo no interior do estabelecimento, como era de uso, mas sim, ao ar livre, numa praa, próximo das banhistas, que até agora têm figurado em separado. Este assunto marítimo, deve pois ser obra de Frei João Mocho que, como se sabe, era filho dum almirante, e a praa a antiga estância balnear de Cacilhas, a localidade onde o artista passou a sua infância e completou os seus estudos.

Perdoe V. Ex.^a importuná-lo, etc.

JOSÉ HERTZIANO.

Sr. Director:

Ainda bem que o R. P., e o sr. José Hertziano, com a sua grande competência, meteram ombros à rude tarefa de fazer a verdadeira história dos painéis da «Brazileira».

Como um facto nunca aparece desacompanhado, seguindo a esteira dêsses dois gran-

des pioneiros, atrevo-me a trazer também o meu modesto subsídio sobre o mesmo assunto.

De há muito que eu vinha guardando a suspeita de que Barradas nunca poderia ser o nome do pintor que subscreve os quadros que lhe são atribuídos.

Acabo de ver num precioso e raro elucidário dos termos populares do século XX, que a palavra barrela, significava uma primitiva operação que se usava nesse tempo para branquear a roupa. Havia até uma expressão muito empregada por lavadeiras e que era assim: levar ou lavar (?), a roupa à barrela.

Ora o que acontece com Almada, dá-se com Barradas. Este último nome que aparece na tela, não é o nome do seu autor; é o título do quadro. E efectivamente, quadro que tenha na base a palavra Barradas, sabido é que representa lavadeiras em várias posições.

Num livro raro, que tenho à disposição de V. Ex.^a, da autoria dum moço conhecido por Albino Capa que morava à Lapa, um estudo sobre as viciações da forma e da linguagem do século XX ao século XXI, pode ver-se que: Barradas é o que se chama uma corruptela de «barrelas». Barradas portanto, não é o autor do quadro, mas o título que se refere ao assunto, isto é, à operação que vão fazer as lavadeiras.

Servindo-me ainda das doudas observações do sr. José Hertziano cheguei a outra descoberta não menos interessante e valiosa.

O quadro de barrela, ou de barradas, tal qual como acontece com os trabalhos atribuídos a Almada, não está completo. O painel em que figuram uns pombos, olhando do



Pacheco nunca existiu; o quadro que lhe atribuem é apenas a parte superior do painel de Barradas (Barrela ?)



O quadro lírico-hortícola do pintor Marques, da confraria dos Bernardos

alto, um minúsculo moínho, quadro este atribuído ao pintor Pachêco, é, nada mais, nada menos, do que a parte superior do quadro das lavadeiras.

Queira V. Ex.^a juntar os dois trabalhos e verificará, com extrema facilidade, a minha asserção.

E aqui agora surge um problema. Como se têm apresentado os dois trabalhos, como pertencentes a dois autores, e se verifica por este estudo, tratar-se apenas de uma só tela? A quem pertence a autoria do quadro? Ao pseudo Barradas? A Pachêco?

Eis uma questão que ponho nas laboriosas mãos dos grandes historiadores de arte, R. P. e José Hertziano, com os cumprimentos e admiração de

UM AMADOR DE HISTÓRIA.
Sr. Director:

Lá com interesse as observações de Um Amador de História. Felicito-o e felicitemo-nos todos pela intensa luz que veio trazer a este intrincado problema. Felizmente parece que tudo virá a esclarecer-se.

O quadro das lavadeiras não poderá pertencer a Pachêco. Já hoje, quem conhece bem a história do século XX, e o último quartel do século XIX, sabe que Pacheco era uma ficção. Um escritor coevo, Eça de Queirós publicando a «Correspondência de Fradique Mendes», dá-nos dados preciosos, sobre a existência de Pachêco que era um símbolo da ausência de corpo.

Ora o autor do quadro das lavadeiras não era de modo algum uma pessoa que merecesse aquele epíteto de corpo ausente. Surge o nome de Pachêco numa referência das «Notas contemporâneas» e ainda outro Pacheco, director de uma revista chamada «Contemporânea». Será o mesmo Pacheco?

Tudo leva a crer que o quadro em questão não pode pertencer a Pachêco que, segundo Fradique Mendes, morreu no século XIX. «Brazileira» era um estabelecimento do século XX. O mais provável, é que o quadro fôsse comprado, no século anterior, e por engano, fôsse atribuído, ao ciclo dos pintores de café.

No próximo volume que dedico a esta questão trato, num longo capítulo, dos quadros erradamente atribuídos à «Brazileira».

Assim por exemplo, o frizo de Marques, pintor pertencente à confraria dos Bernardos, não pode figurar como fazendo parte dos painéis da «Brazileira». Pelo assunto, se verifica tratar-se de uma decoração, de um teatro de ópera. Existiam muitos destes motivos alegóricos, nas chamadas barracas de feira.

Não queremos levar tão longe a nossa hipótese, mas é sabido como próximo do local onde existiu a «Brazileira» havia o teatro de S. Carlos. Foi este teatro um dos grandes redutos da arte decorativa d'esse tempo. As artistas trazendo na sua bagagem muitas revistas estrangeiras, disseminaram em Portugal, o gosto do desenho, à moda francesa, forque os desenhos dessa época, em Portugal, reflectem o traço perfeito das grandes revistas de modas de França. Os artistas portugueses, do grupo dos futuristas, inspira-



Documentos da personalidade rara dum raro cronista

ram-se muito nesse grande mestre chamado «Femina», o Leonardo da Vinci d'esse tempo, porque era, como se sabe, pintor, cabeleireiro, aderecista, costureiro, bailarino, etc.

O leitor que queira profundar mais estes estudos, leia os trabalhos de Frei Gustavo de Matos Sequeira, o ilustre comentador da arte futurista no século XX, e que durante três séculos julgaram uns ser funcionário de Alfândega, e outros ainda o crítico teatral Matos Sequeira, ou ainda um autor de revistas aposentado, confusão que está hoje desfeita graças à feliz descoberta das duas assinaturas de que envio fac-simile e das quais uma é falsa como Judas segundo a análise bacteriológica que operei. A autêntica mostra bem que o Frei em questão era o arqueólogo. A assinatura falsa foi de-certo elaborada por alguém que não queria, neste assunto, perder... Pitada!

NOTA FINAL

É amanhã posto à venda um interessante volume de José Hertziano, sobre a identifica-

ção dos painéis da «Brazileira», versando curiosos problemas da história da arte, ultimamente muito debatidos.

Pelo trabalho do ilustre crítico e historiador, fica copiosamente demonstrado, que o quadro que tem passado por um trecho de Sintra, atribuído a Viana, é nem mais nem menos do que um pedaço da célebre tapeçaria de Plastrana, corruptela coeva de Plastron, espécie de tapa-misérias para abafar o peito e certamente encontrado em Viana, antiga cidade portuguesa. Nunca foi, portanto, Sintra, mas sim um caixão para os eruditos irem... de caixão à cova.

Ficam também rigorosamente identificados os altos personagens do quadro de António Soares, sentados à mesa do café é a misteriosa mulher que o pintor fixou de costas.

Sobre António Soares, o volume contém curiosas notas elucidativas, destacando o pintor do grupo dos pintores da «Brazileira», e filiando-o na escola do mestre Columbano.

Como é sabido este ilustre pintor compôs valiosos trabalhos para o palácio do congresso. António Soares encarregado também por um decreto do ministro das Belas Artes, ao tempo o dr. Bristol, de uma parte dessas decorações, pintou, para um dos corredores, a figura da primeira mulher que teve assento no Parlamento português. O pintor fixando-a de costas, procurou com muita felicidade, eternizar uma atitude histórica; a da ilustre feminista voltando as costas à presidência, ao mesmo tempo que fazia sair de uma maleta um cacho de bananas, e exclamava: «É preciso que os homens fiquem abanados, ...etc... etc...»

O volume contém ainda valorosos subsídios, sobre a vinda a Portugal do pintor inglês Stuart de Carvalhais, as suas relações com os pintores da «Brazileira» e a predilecção do mesmo pela região de Colares e é um bom documento de estudo sobre o mistério do set quadro «O carro de Areia»... provando que a areia era própria do estilo peculiar deste pintor e que era areia... molhada.

É, como se vê, um precioso volume, digno de figurar em todas as bibliotecas.

E. F.



Pedaço que falta d's tapeçarias de Plastrana e que se tem pretendido fazer passar por Sintra mas que não passa dum caixão para eruditos.

No Salão da Primavera, no Pôrto, estarão expostos os maravilhosos "Tapêtes de "Beiriz" de Carlos de Miranda e D. Hilda Brandão de Miranda

RELÍQUIAS HISTÓRICAS

O ARNÊS DA ARMARIA REAL DE MADRID ATRIBUÍDO A D. SEBASTIÃO

A nossa literatura de hoje vai marcando dia a dia uma acentuada fisionomia de reconstituição histórica, quer na rectificação de factos que, por muito tempo, se julgaram soberbamente verificados, quer no esclarecimento de vários pontos confusos sobre os quais se agora se começa a fazer luz. O estudo dos documentos históricos portugueses que, através dos museus e das mais velhas cidades da Espanha e Marrocos, falam da nossa antiga grandeza e das relações havidas entre os dois povos peninsulares, não será, sem dúvida, um dos menos úteis e curiosos. Chamamos para êle a atenção dos nossos homens de letras especializados na matéria, que têm demonstrado, em estudos de altíssimo apreço, a sua magnífica orientação e bem fundamentada competência — a *História da Colonização Portuguesa no Brasil* é, já o dissemos algures, tão monumental como os Jerónimos ou a Batalha — na certeza de que lhes sugerimos um amplo campo de proveitosa investigação. Ao fazer desfilar pelas páginas desta revista as relíquias históricas portuguesas existentes em Espanha, ou, embora não portuguesas, que possam ter alguma relação com Portugal, só pretendemos colaborar, em segundo plano, com aqueles que, pela sua reconhecida autoridade, hão de dizer a última palavra sobre tão sugestivo tema.

Publicamos hoje uma fotografia da riquíssima armadura atribuída a El-Rei D. Sebastião, o desventurado vencido de Alcácer, que forma parte da valiosa colecção da Armaria Real de Madrid. Do catálogo de 1898, organizado pelo ilustre conde de Valência de Don Juan, extraímos os principais dados que documentam êste artigo, cingindo-nos muitas vezes à tradução literal para acompanhar mais de perto as deduções do conhecido erudito.

A artística peça esteve considerada durante muito tempo — ainda no catálogo de 1863 — como dádiva de D. Manuel de Portugal a Filipe II de Espanha. Só mais tarde foi rectificado o crasso erro histórico, visto que D. Manuel faleceu seis anos antes de vir ao mundo o primeiro rei da Dinastia Filipina. Da época em que o arnês entrou em Espanha ou da data em que ingressou na colecção da Armaria não existe nos arquivos respectivos o menor indício, mas, pelos pormenores da decoração, não é aventurado atribuí-lo a um príncipe português hispano-austriaco. Nos remates da cravação vê-se freqüentemente a esfera armilar, a cruz de Avis e ainda o escudo completo de Portugal. Também se encontra repetidas vezes a águia bicéfala dos austriacos, o leão e a granada, emblemas da casa que então reinava em Espanha. Estes significativos sinais, — acompanhamos sempre o organizador do catálogo, — só podem ser applicáveis, na segunda metade do século XVI, a dois príncipes portugueses de origem austriaca: ao príncipe D. João, falecido aos 17 anos, ou a D. Sebastião, morto em Alcácer com 24.

Descartada a primeira hipótese, pois não é verosímil que, em tão tenra idade, se possa dar o desenvolvimento físico que a armadura acusa, temos que nos inclinar a favor de D. Sebastião, que era, conforme uma referência espanhola da época, *«de buen talle, màs alto que el-rey un poco (Filipe II) y màs*



Armeria Real de Madrid. — Formosíssimo arnez atribuído a D. Sebastião de Portugal

Jornido y gordo y muy blanco y con mucho color en el rostro, poca barba y rubia como el sr. Don Juan».

Estes precedentes históricos relacionam-se tanto com as particularidades da armadura, que não está fora de lógica atribuí-la áquela rei de Portugal, *cuya ilustre y quanto discreta madre*, a princesa D. Joana, a trouxe para a Espanha, após a catástrofe de Alcácer.

Transcritas as deduções do conde de Valência de D. Juan sob o ponto de vista histórico, vejamos agora o que êle nos diz acerca do valor artístico do precioso arnês.

É indubitavelmente a obra-prima de Pef-

fenhauser, que o coloca ao nível dos armeiros alemães do seu tempo. Verdade seja que incorre no defeito de sobrecarregar a ornamentação e chega até a cometer incorrecções no desenho das figuras; mas, a-pesar disso, a composição é mais varonil e o relevado mais forte que os do arnês de Filipe II, construído por Colman, e sobretudo o trabalho a cinzel é duma precisão e duma limpeza inimitáveis. No que se refere ao estilo do desenho, comparando as caprichosas combinações das figuras e todos os belos adornos que as cobrem com os desenhos publicados por Hefner Altenech, dir-se-ia que é obra de Hans Mielich, de Munich, ou de qualquer outro artista alemão da mesma época e não inferior categoria.

As 16 peças que constituem a armadura estão oxidadas a negro, sendo douradas a cravação, as fivelas e o assento do penacho no capacete ou casco. Este é formado por uma só peça, com viscira aderida, e está todo recoberto de figuras relevadas a martelo; no alto, cavalos marinhos, tritões, delfins e nereidas. Dos lados, duas grandes cartelas ovaladas, onde pelejam guerreiros antigos; na da esquerda, vêem-se vários elefantes e, sobre um dêles, um guerreiro com o escudo de Portugal, que evoca as suas conquistas na Índia oriental; na parte posterior, Diana, Hércules, Neptuno e Anfitrite; na parte anterior e na viscira, primorosas figuras alegóricas; nas três lâminas que resguardam o pescoço, as imagens da Fôrça e da Justiça. O ornato das restantes peças consiste nas largas faixas, que então se usavam, em direcção vertical, superiormente relevadas e cinzeladas, que partem da gola de lâminas e terminam na parte inferior das grevas. Na banda mais larga, que é a central da couraça, figura, no alto, Júpiter lançando os seus raios; mais abaixo, Minerva, e, por último, Hércules lutando com as serpentes. Nas duas peças laterais e nas três que correspondem às costas também há figuras mitológicas. Na parte superior do peito e das costas encontra-se o sinal, reconhecido pelo sr. Böhlein, de Viena, como pertencente ao armeiro Peffenhauser, assim como a pinha, representação simbólica da cidade de Augsburgo. O adorno das escarcelas é constituído por bandas largas e estreitas, com belas e variadas composições, entre as quais se vê a águia bicéfala e o leão de Castela. Nos guarda-braços, várias figuras alegóricas, que representam o Poder universal, a Vitória, a Paz e a Navegação, cada uma com os seus atributos. Laçarias de singular beleza, primorosamente cinzeladas, ao alto de cada ombro, exibindo nas pontas a águia e o leão. Os braços são de três peças, aderidas aos guarda-braços e adornados com as quatro virtudes. Por último, as manoplas, com dedos separados e articulados, modelo de precisão e flexibilidade no género, têm os mesmos ornatos que o resto da armadura.

NOVAIS TEIXEIRA.



Basilica de Santo António de Pádua

SANTO ANTONIO NA ARTE ITALIANA

PELO PROF. GUIDO VITALETTI

(AL CAV. UFF. DOTT. ANTONIO BUCEVICH, SEGRETARIO DELLA LEGAZIONE D'ITALIA)

O «Santo», por autonomasia, que Lisboa viu nascer e de quem Pádua recolhe os restos mortais, na Basílica adornada com uma infinidade de tesouros de arte, exerce, ainda hoje, sobre nós, uma fascinação prodigiosa não pela sua acção grandiosa e pela auréola dos seus milagres extraordinários, mas também porque a sua doutrina conduz à perfeição radiosa de uma forte e nobre humanidade.

Hoje, no meio de mesquinhas soberbas e no tumulto das paixões muito devemos aprender do grande taumaturgo franciscano que com a sua humildade soube dar o verdadeiro exemplo do amor de Deus e dos homens.

Nascido em Lisboa, atormentado pela febre do martírio na flor da mocidade, quando ao lado da tumba dos cinco primeiros mártires franciscanos substituiu a túnica branca dos agostinhos pela humilde veste franciscana; conclui o primeiro período da sua vida na esplêndida abadia de Santa Cruz em Coimbra primeiro, no melancólico e místico retiro de Olivais, depois.

Mais tarde, porém, ocultando a sua poderosa sagacidade e o seu vasto saber, ei-lo a

caminho de Itália e em Maio de 1221 a doce planície de Assis recebe o humilde frade.

Perdido e desconhecido naquele pequeno mundo franciscano, António de Lisboa ficou envolto pelo silêncio e quietação; o solitário êrmo de Montepaolo, sombrio e árido como a Tebaida, encerra dentro dos seus muros o sábio agostinho de Coimbra que vive de rezas, de sacrificios, de milagres — a sua maior alegria!

Pouco tempo depois, o «Santo», tomado



Santo António, por Moroni. Galeria Poldi Pezzoli



Aparição do Menino Jesus a Santo António de Pádua. Quadro de António Ciseri, na igreja de S. Salvador em Jerusalem



Santo António por Isabel Girani na Real Pinacoteca de Bolonha

por um simplório e um boçal é imprevisivelmente elevado aos cargos mais honoríficos; nas catedras de Bolonha e Montpellier será nomeado *Pater scientiae* e *Doctor veritatis*; S. Francisco chamá-lo há, com grande prazer, pelo nome de *episcopus*; mais tarde levantará os seus subordinados em santa cruzada contra a heresia dos Erzelinos que assolarão a Marca Trevisiana. De então para cá a sua vida é um verdadeiro prodígio — após-

tolo, taumaturgo, santo, orador — desenvolve uma luta magnífica, culminante para que triunfe a humildade, para que triunfe a graça divina.

A Itália foi o teatro onde se desenvolveu a santa empresa de António de Lisboa.

Por este mesmo motivo, o «Santo» é popularíssimo em Itália e, muito embora a sua acção seja, quasi sempre, fortalecida com o milagre, revela uma gigantesca figura.

A arte italiana amou o humilde frade e dedicou-se, quasi com épico afan, a transmitir aos vindouros não só as suas formas físicas, mas eternizou os episódios mais significativos através de uma série de maravilhas artísticas.

Um dos primeiros documentos da iconografia antonina é o fresco da Escola Giottesca

do século XVI existente no Prebistério da Basílica do «Santo», em Pádua.

Santo António está ali representado em pé, com a cabeça aureolada e o rosto sem barba mas expressivo e forte; a mão direita erguida para cima em atitude de bênção. Na outra, um livro, símbolo da sapiência; em volta da cintura o cordão franciscano. Dois dadores da mesma nação estão, de joelhos, a seus pés. Quem são? Não sabemos, com precisão, mas podemos quasi assegurar serem dois portugueses que encomendaram a pintura.

De esta primeira imagem, que uma epígrafe menciona como «verdadeiro retrato» do «Santo» se originou uma seqüência enorme de pinturas.

Em Pádua e em Assis encontramos-lo junto a outros santos; no tesouro da Basílica aparece-nos através o brilho e fulgor dos relicários fundido em prata e bronze; Donatello, finalmente, não só dá ao taumaturgo a expressão forte e o vigor dos membros próprios da sua arte, mas juntamente com um grupo de alunos inicia aquela série de milagres antoninos que ainda hoje prevalecem como a revelação magnífica de processos da arte clássica e a documentação mais segura, ou reprodução fotográfica de cenas da vida que efectivamente se deveriam ter dado nos tempos do grande artista. Não só a vista dos templos e das casas, os interiores, os trajos, mas tam-

bém os móveis e as mínimas particularidades são reproduzidas com a maior verdade.

Depois de Donatello, o Santo de Lisboa tentou mil outros artistas; tão subtil e insinuante foi a fascinação excitada por esta legendária figura de taumaturgo, de sábio, de asceta. E hoje falar da sua iconografia significa evocar um volume especial dos momentos mais significativos da gloriosa arte italiana.

Mas a verdadeira epopeia antonina ficou eternizada por um grupo de esultores da Renascença, numa série de baixos relevos que ainda hoje despertam a nossa admiração. A António Minelli e a Sansonino foi dado o en-



Santo António, de Donatello e Scolori, na Basílica de Pádua

cargo de representarem o milagre *O menino afogado a quem o Santo ressuscita*.

A scena é realizada com uma expressão de vida incomparável. A mãe aflita, com os cabelos revoltos, gritando de dor e como louca apresenta ao Santo a criancinha inanimada; várias mulheres rodeiam a desgraçada; outra mãe (é digna de ser notada a naturalidade da expressão) estende o pescoço para ver, com curiosidade e mágnia a criança morta e instintivamente comprime a dela ao seu peito.

O Santo está em frente da mulher na atitude de benzer. O seu rosto, geralmente sem barba, está, aqui, sombreado com bigode e uma pequena barba de ponta.

Não menos movimentado e rico de expressão é um outro milagre: *O jovem ressuscitado para demonstrar a inocência do pai*. Cattaneo e Campagna trabalharam nele alguns



Santo António segundo a imagem de Tiziano Aspetti, do altar da Basílica de Pádua

anos. O Santo é apresentado muito jovem com o braço erguido e o indicador ao alto, em atitude de bênção e de ordem; o jovem reanima-se, ergue-se e senta-se. O magistrado e os soldados que, por um anacronismo comum nos artistas da Renascença, têm os mesmos trajos do que na época dos Romanos, olham cheios de espanto, quasi de terror; uma mulher faz aproximar do Santo, para que lhe toque nas vestes, uma criancinha teimosa, que traz um bólo na mão. Scena maravilhosa, com absoluta vida, surpreendente!

Tullio Lombardo, mais clássico, mais catadrático que os precedentes, estilisa os seus personagens inspirando-se nas mais puras formas clássicas mas em cada rosto nota-se uma expressão diversa; admirável, entre todas, a do avaro. Não tem, pelas palavras descrição possível; olhando-a, sentimos, instintivamente, que o infeliz não teve senão um único amor: o dinheiro. Assim, neste baixo relêvo em que: *O Santo faz ver que o coração de um avaro se encontra no seu cofre*, Tullio Lombardo deu uma vigorosa descrição psicológica. A esta escultura liga-se a de Pedro Lombardo, na qual *O Santo faz falar um recém-nascido*: a mesma forma clássica nos edificios do fundo e nas mais pequie-



Santo António da Basílica de Pádua. (Escola de Giotto)



Santo António de Pádua restitui a vida a um menino afogado. (Alto-relievo de Minelli e Sansovino na Basílica de Santo António de Pádua)

nas particularidades; também as mulheres surgem, como autênticas matronas romanas e parecem mais do que inspiradas, mesmo copiadas de um baixo-relievo do mais puro românico.

Impecável na forma, Lombardo espalhou um aspecto de vida em toda a secua; a figura da criança sustida pela mãe e pelo Santo é, verdadeiramente, uma das coisas mais belas deste notabilíssimo artista.

• • •

Finalmente, a figura iconográfica do «Santo» ficou gravada para sempre. Adornado com o símbolo tradicional, a açucena (na estátua de Donatello parece ter sido colocada depois) o humilde frade ocupa um dos primeiros lugares na história da arte italiana.

Os pintores e os escultores têm devoção pela sua humanidade; eles próprios sentem o coração bater-lhes de prazer pela suas palavras místicas e pelo prodígio dos milagres, prevendo toda a beleza do movimento espiritual que o humilde franciscano soube criar; daí, cada um, procurar tornar mais intensa e brilhante a sua glorificação.

Pádua é a cidade inspiradora; as cúpulas da Basílica erguem-se para o azul do céu como num supremo anseio de humana piedade; os frescos, os baixos relevos, as pratas e os ouros consagrados ao «Santo» parecem cantar um hino festivo e vindo dos céus.

Daquela luz, daquela luz, os artistas de Itália descrevem alguma harmonia e alguma magnificência! E aqui está porque Ticiano e Tintoretto, Vítor Carpaccio e Paris Bordone,

Francia, Sodoma, Montagna, Gerolamo del Santo, Moroni e cem outros depois, até Spagnoletto, Cagnacci, Isabel Sirani e os nossos Académicos de oitocentos fixam, num esplendor de luzes e de sombras, a figura suave...

Só, ou junto a outros santos, nos grandes painéis de fundo dos altares, como no da igreja de S. Francisco em Pirano, pintado em 1518 por Vítor Carpaccio, ou no retábulo de Palmezzani (1500), no qual está retratado juntamente com S. Nicolau ao lado da Virgem no



Santo António ressuscita um mancebo para que lhe demonstre a inocência do pai. (Alto-relievo de Cattaneo e G. Champagne, na Basílica de Pádua)

trono (Igreja de Castrocara), é sempre a figura tradicional que tenta o pincel dos diversos pintores; circundado por ornatos de fantasia e ramos, como no quadro de Moroni da Galeria Poldi Pezzoli, de Milão, ou moldado em prata, como na figurinha de Tiziano Aspetti (Tesouro da Catedral de Pádua) é sempre o santo jovem e gentil, por excelência.

A açucena parece dar-lhe uma outra nota de graça e embeleza a sua figura: António de Lisboa, salvo algumas excepções, terá sempre para os artistas de Itália o corpo delgado e ténue como um junco, a linda cabeça anelada, olhar vivo e apaixonado, talvez, até, um pouco triste... Digo, um pouco triste, porque António certamente se recordava, mesmo no meio do entusiasmo das «Santas Façanhas», da Sua Terra longínqua tão sinceramente amada e terá constituido, cadencialmente, no seu coração a suave palavra «saúde».

E é por isso que a arte italiana vê nele não só o taumaturgo iluminado por um divino raio de luz, mas também o homem, o irmão e o apóstolo que encerra dentro do seu peito o mais profundo sentimento pela sua Terra Natal: a sua dor intensa identifica-se pelo amor sublime da pátria e dos homens.

Por esta sua dor e por este seu feito, eu, hoje, atrevo-me a uni-lo idealmente, ainda que a-pesar das distâncias mais longas, aos heróicos navegadores portugueses dos séculos XV e XVI: descobridor de novos horizontes espirituais ele teve o poder de converter os duvidosos, reanimar os desfalecidos, de converter ao Cristianismo uma enorme massa de herejes; os outros descobridores de mais vastos e ignorados horizontes terrestres — Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral,



O santo mostra que o coração dum avarento está no cofre e não no peito. (Alto-relievo de Tullio Lombardo na Basílica de Pádua)

Fernão de Magalhães — igualmente povos e reinos conquistaram por terem a santidade da fé!

Grande figura de taumaturgo, de sábio, de asceta, a arte rodeou-o sempre de veneração e de respeito.

Bonifácio da Verona no quadro *Oratório*, dos Inferiores Conventuais de Camposampiero, pinta-o no alto de uma nogueira envólto pela folhagem prégando aos fiéis extasiados; outros apresentaram-no em scenas de milagres (há uma enorme série de pequenas iluminuras devidas a pintores umbrios e lombardos que aformoseiam preciosos corais do século xv); uma pintora, Isabel Sirani, no quadro da Galeria de Bologna apresenta-o numa daquelas invocações místicas em que se abre, para o frade, todo o mundo celestial: o céu rompe-se de improviso e sobre as nuvens, entre os anjos que o aclamam, o Menino Jesus não só aparece a Antônio de Lisboa como vem para êle, acariciador e confidente... E a auréola luminosa vem até nós: a arte italiana moderna não esquece o «Santo» tão humano e tão popular; bastaria recordar a *Aparição do Menino Jesus*, de Antônio Ciseri, hoje na igreja de S. Salvador, em Jerusalem, para se ver como é gentil a figura do frade, absorto no silêncio da sua cela...

Porém, o verdadeiro poema de pintura da vida do «Santo» é o que Aquiles Casanova tem, em grande parte, feito em tórno da Basílica Antonina. O artista, inspirando-se no *Anónimo Franciscano* que na primeira descrição narrou sinceramente os episódios finais da vida do «Santo», fez uma série de exposições eruditas, maravilhosas de invenção e de forma, como nenhum outro pintor, antes dêle,

tinha ousado fazer. A importância do assunto merecia, talvez, um colorido mais quente e uma descrição mais ampla; mas não era possível dispor de maior amplitude; nem o brilho das outras trinta figuras bíblicas, aqui e ali interpostas, e as pinturas dos altares podiam permitir cores muito vivas.

As pinturas podem parecer, entretanto, um pouco falhas de tonalidade, porém demonstram tanto estudo e tanta fidelidade (vestes, armaduras, instrumentos, trajos, braços e edifícios medievais) da parte do artista que nós desejamos vê-las, o mais rapidamente



O santo dá a fala a um menino recém-nascido. (Alto-relievo de Pietro Lombardo, Basílica de Pádua)

possível acabadas, só para que possamos dizê-las o poema de pintura moderna, em honra do Santo que Lisboa embalou e de quem Pádua recolhe reverente os restos mortais.

(Versão do Italiano por J. Tórres de Carvalho).

N. da R. — Para comemorar o sétimo centenário da morte de Santo Antônio, de Pádua, 13 de Junho 1231-1931, os Frades Franciscanos da Basílica de Pádua, publicam uma interessantíssima revista, em fascículos, onde se descreve toda a vida e milagres do Santo.

O ilustre professor Dr. Guido Vitaletti, da Real Universidade Italiana de Pisa, que recentemente inaugurou os cursos de língua e literatura italiana na nossa Faculdade de Letras, cursos estes que próximamente serão aumentados com a literatura dantesca, honra-nos, neste número, com a sua brilhante colaboração.

O erudito professor dr. Guido Vitaletti preparou uma exposição de «Assuntos portugueses na Itália», na qual serão apresentadas reproduções de obras de arte, passagens históricas e documentos vários que se referem à estada de portugueses, em Itália.

Mais de trezentas fotografias, algumas reproduções a óleo de trabalhos insignes, entre elas o admirável fresco de Pinturicchio, representando o encontro da Infanta Leonor de Portugal e Frederico III, rei dos romanos, em Siena, uma coleção de antigas traduções italianas dos *Lusíadas*, etc., compõem o material variadíssimo e interessante da bela exposição.

Sua Ex.^a o Sr. Ministro de Itália, Giuseppe Bastianini, chegado há pouco a Lisboa, inaugurará solenemente a preciosa exposição.

A gentilíssima amabilidade do sábio professor dr. Guido Vitaletti e da Casa Alinari, de Florença, devemos a publicação das belas fotografias que inserimos, reproduzindo as obras de arte em que o génio italiano glorificou a grande figura do «Santos».



NAUFRÁGIO EM FRENTE DA GALA. — FIGUEIRA DA FOZ

(Cliché de José dos Santos Alves).

O PINTOR SEVILHANO

BARTOLOMÉO ESTEBAN MURILLO

Um dos maiores escritores italianos do século passado, Edmundo de Amicis, cuja encantadora obra *Coração fêz* as delícias da nossa meninice, ao entrar um dia no Museu do Prado, de Madrid, falou assim consigo mesmo:

—Vamos a contas! Que fizeste tu na tua vida para mereceres a honra de penetrar neste recinto? Nada! Pois bem; no dia em que te suceder uma desgraça, inclina a cabeça e considera a partida saldada.

E descobriu-se; o coração palpitava-lhe precipitadamente e um leve tremor agitava-lhe todos os membros. Porque *o dia em que se entra pela primeira vez num Museu como o de Ma-*

humildes, Gaspar Esteban e Maria Perez, desde muito pequenino deu provas das suas virtudes artísticas. Com paus de carvão que encontrava a cada passo, desenhava manchas e sombras nas paredes que já revelavam o poderoso sentimento do pintor, que depois havia de assombrar o mundo. Tendo ficado orfão aos 10 anos de pai e mãe, foi recolhido por um tio seu, o cirurgião Juan Agustín Lagares, casado com Ana Murillo, de quem se diz adoptou o apelido, reconhecido aos carinhos maternos de que esta sempre o rodeou. Há uma versão que diz que Murillo sustentava sua mãe com o produto da venda de quadros que expunha na feira sevilhana e que eram levados à América pelos barcos que então fundeavam no belo porto de Andaluzia. Esta versão, porém, não merece crédito. Verificado o falecimento daquela quando o nosso artista só contava 10 anos, não é crível que, em tão tenra idade, pudesse usufruir do seu trabalho os recursos necessários para sustentar uma casa. Por outro lado, das minuciosas investigações que mais tarde se realizaram nas coleções e nas igrejas americanas não apareceu nem um só quadro de Murillo, que pudesse mesmo ser atribuído à sua infância. Encontraram-se, sim, péssimas cópias das suas obras principais executadas em todo a apogeu das suas faculdades.

O que está provado é que entrou no «atelier» do pintor Juan del Castillo, com quem aprendeu o manejo de tintas e pincéis, e onde esteve até 1640, data em que o seu velho mestre foi residir para Cadiz.

Em 1642, encontraram-se em Sevilha com o pintor espanhol Pedro Moya, que fora seu discípulo no estudo de Juan del Castillo. Atraído pela fama de Van Dyck, Moya abandonara as forças espanholas que ocupavam os Países Baixos, para se dirigir a Londres, onde então trabalhava o grande pintor flamengo. Afirmam alguns dos seus biógrafos que as narrações do seu antigo amigo tanto o entusiasmaram que Murillo recorrendo aos maiores sacrifícios e passando pelas peripécias mais pitorescas, conseguiu reunir os meios necessários para se trasladar à Itália ou a Flandres. É, no entanto, mais provável que o sucesso que nessa época obtinha em Madrid Diego Velazquez da Silva, de portuguezíssimo apelido, que lhe vinha em linha directa da mãe, atraísse o artista à capital da Espanha, aonde chegou no mesmo ano de 1642. A recep-



A Virgem do Rosário, de Murillo. (Museu do Prado)

ção que lhe fêz o glorioso mestre e conterrâneo foi em extremo carinhosa; pôde, por seu intermédio, não só estudar e copiar as suas próprias obras, como as de Van Dyck, Ribera, Tiziano e Rubens, que faziam parte das riquíssimas coleções reais de Madrid e do Escorial. Suceder, depois, um facto, em 1643, que devia influir muito na vida de Murillo: a queda do Conde-Duque de Olivares, grande amigo e protector de Velazquez, que o punha a coberto das intrigas e invejas dos seus competidores. O autor das *Meninas* viu-se obrigado a abandonar a corte. Bartolomé Esteban regressou, então, a Sevilha em 1645, em todo o poder das suas faculdades artísticas, depuradas e desenvolvidas no convívio dos citados mestres, tendo-lhe sido logo encomendadas 11 composições para o claustro menor de S. Francisco, trabalho que o ocupou durante três anos. Em 1648, ganhando já com a sua arte consideráveis benefícios, Murillo contraíu matrimónio com Beatriz Cabrera y Sotto Mayor, união a que não foram indiferentes os caprichos da lenda, que sobre ela bordaram as versões mais novelescas. Este facto coincidiu, efectivamente, com uma marcada evolução na técnica do pintor, que, aliás, era



Santa Isabel de Hungria, por Murillo (Museu do Prado)

dríd, constituiu uma data histórica na vida do homem. É um acontecimento tão importante, como o matrimónio, o nascimento dum filho, a posse duma herança, e os seus efeitos sentem-se até à morte.

Tal a impressão de religioso respeito e convulsivo entusiasmo que lhe causou a entrada no magestoso templo da Pintura, onde parece que o Homem, superando os seus próprios limites de realização, desfere vãos divinos por um altíssimo milagre de Arte.

Efectivamente, se nós compararmos as nossas exiguas possibilidades de hoje, restringidas a um âmbito de idealização mesquinho, com o que os artistas dos séculos pretéritos, homens como nós, conseguiram realizar, chegamos a conceber neles forças de tão poderosa altura que os nossos olhos não podem atingir. Se toda a obra de Arte envolve em si uma *sede de infinito*, como o filósofo afirma, seus pintores do Prado — Velazquez, Rubens, Rafael, El Greco, Ribera, Correggio, Andrea del Sarto, Tiziano, Van Dick, Murillo, etc. — nós vemos que os lábios tocaram a sagrada ânfora.

Publicamos hoje as notas biográficas dum dos pintores mais representativos da Pintura Espanhola e melhor representados no Museu de Madrid: Murillo — aquele divino Murillo, da *Imaculada Conceição*, de que nós, mal assumamos os olhos à luz, ainda virgens dos venenos do mundo, fazemos a imagem favorita das nossas devoções, um formoso desdobramento daquele grande amor — puro Amor, único Amor — que nos ensina amorosamente a balbuciar as primeiras rezas.

Bartolomé Esteban Murillo nasceu em Sevilha em 31 de Dezembro de 1617. Filho de pais



Menino na Cruz, de Murillo



Sagrada Família, mais conhecida por «La Família del «Pajarito». — Murillo

natural depois dos minuciosos estudos que tinha feito. Foi então quando pintou as imagens de S. Isidro e S. Leandro, que foram colocadas na Catedral de Sevilha e registadas nos livros da época como telas saídas das mãos *del mejor pintor que habia entonces en Sevilla*. Tal o prestígio que então gozava! Executou também o seu célebre quadro *Aparição do Menino Deus a Santo António de Pádua*, considerado como a sua obra prima, pelo qual o duque de Wellington chegou a oferecer 900.000 pesetas.

Em 1660 funda Murillo em Sevilha a Academia de Desenho, de que foi um dos presidentes, e onde havia de ser ferozmente guereado por Herrera «O velho» e Valdez Leal, que se viram destronados pelo jovem pintor do lugar de primazia que então gozavam em toda a região andaluza.

Em 1670, Carlos II solicita a sua presença na corte de Madrid, ao que ele renunciou, preferindo conservar-se na sua Andaluzia, rodeado do prestígio e do carinho dos seus conterrâneos. A beleza da mulher andaluza, que foi modelo predilecto, senão o único, dos assuntos das suas composições, tem nos quadros de Murillo a sua mais alta representação. A Virgem do Rosário, hoje aqui reproduzida, onde se alia um primoroso realismo a um poder de idealização religiosa tal, que nenhum artista conseguiu atingir, é prova evidente do que afirmamos.

Em 1680 é chamado a Cadiz para pintar um quadro no Convento dos Capuchinhos, para a execução do qual tinha deixado um avultado legado o cavalheiro genovês João Violato. Conta a tradição que, estando ele a pintar essa obra, entrou um frade leigo que lhe trazia o almoço. Maravilhado com a sublime arte do célebre sevilhano, exclamou: «*Quem me dera adorar a minha cela com um quadro pintado por Murillo!*» O pintor, então, pegou no guardanapo, pregou-o na parede e pintou *La virgem de la servilleta*, que hoje se admira no Museu Provincial de Sevilha.

Para a execução do quadro — *Santa Catarina* — que Murillo pintava no Convento de Cadiz, houve necessidade, dadas as suas enormes dimensões, de se construir um andaime. Já quasi a obra chegava ao seu fim, quando Murillo, ao subir a escada perdeu o equilibrio, vindo cair ao chão, o que lhe fez agravar uma antiga moléstia de que padecia. Regressando a Sevilha, ainda viveu até 3 de Abril de 1682, data do seu falecimento, sendo enterrado na igreja de Santa Cruz, que depois foi arrasada, quando da invasão francesa, não tendo sido possível, a-pesar de todas as diligências empregadas, salvarem-se os restos do glorioso pintor.

Em 1858, collocou-se a seguinte lápide, na praça onde existia o templo:

«*Para perpetuar la memoria de que en el ambito de esta plaza, hasta hace poco tiempo*

sagrado, estan depositadas las cenizas del célebre pintor sevillano Bartolomé Esteban Murillo; la Academia de Bellas Artes acordó poner esta lápide, modesto monumento, pero el primero, que se consagra a su ilustre fundador.»

Como se sabe, os quadros de Murillo atingiram no mercado preços fabulosos. Época houve em que Sevilha foi vítima dum verdadeiro saque, o que obrigou o governo de Florida Blanca, e, mais tarde, o de D. Isabel II, a tomar medidas rigorosíssimas tendentes a evitar que de Espanha saíssem tesouros de tão considerável valor artístico. Mas, a-pesar disso, os seus quadros figuram nos principais Museus do Mundo. Os franceses, quando da occupação, chegaram a levar colecções completas, e a *Conceição* que figura no Louvre foi adquirida por este Museu por 615.300 francos no ano de 1851, quando da morte de Soult, que possuía uma valiosa colecção, figurando nela aquele quadro como obra principal.

Para se fazer uma idéa das enormes faculdades de trabalho do grande pintor espanhol, basta dizer-se que a contagem dos seus quadros distribuidos pelos museus públicos, sem contar os que constam de colecções particulares, ascende ao total de 481. Além do Museu do Prado, onde existem 43, dos quais oferecemos aos nossos leitores cinco formosas reproduções, há, no Museu de Sevilha, 24. Segue-se o Museu de *Ermitage* de San Petersburgo, com 22. No Louvre, 12; na Pinacoteca Antiga de Munich, 6; na Galeria Nacional de Londres, 5; no Museu de Belas Artes de Budapest, 6, que lhe são atribuídos; na Galeria Real de Dresden, 3; na Galeria Imperial de Viena, 1; no Museu de Nova York, 1; etc., etc.

SEAVON.

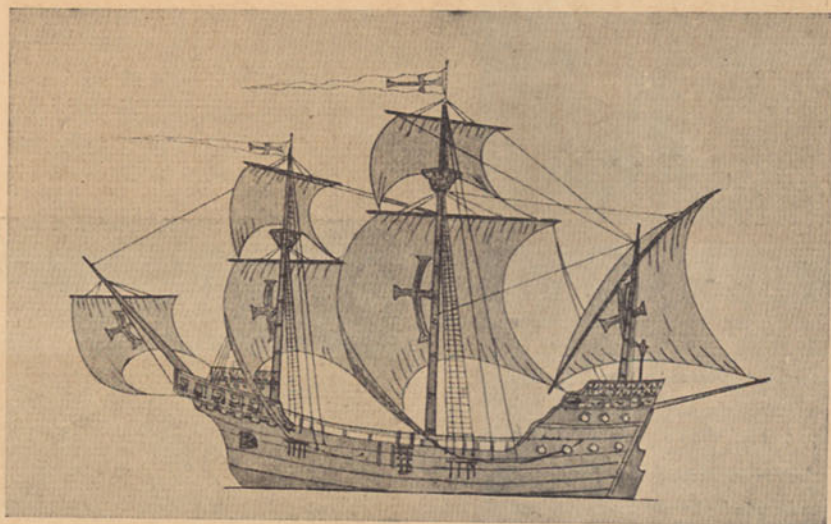


O celeberrimo quadro de Murillo «El Divino Pastor»

OS PORTUGUESES EM HONG-KONG NA FESTA DO "GRAND TATTOO,"

Entre nós, não se liga geralmente importância ao espírito patriótico e à obra de propaganda levada a cabo pelas comunidades portuguesas dispersas pelo vasto mundo. A língua portuguesa, como instrumento de difusão do pensamento português, não se fala apenas em Portugal, no Brasil e nas colónias. Fala-se na América do Norte, em Zanzibar, em Ceilão, no arquipélago de Hawai, na China e no Japão. Em qualquer destes pontos do globo, a muitos milhares de quilómetros da mãe Pátria, vivem e trabalham comunidades portuguesas, que transmitem de pais a filhos e de filhos a netos a língua que receberam de seus avós, as hábitos, os costumes e as tradições da terra portuguesa.

O sentimento da Pátria não se apaga no coração desses milhares de portugueses que labutam ingloriamente debaixo do sol das mais diversas latitudes. Pelo contrário. A distância tem o poder mágico de aumentar a beleza do torrão natal. E é sempre com os olhos húmidos de ternura e com o coração cri-

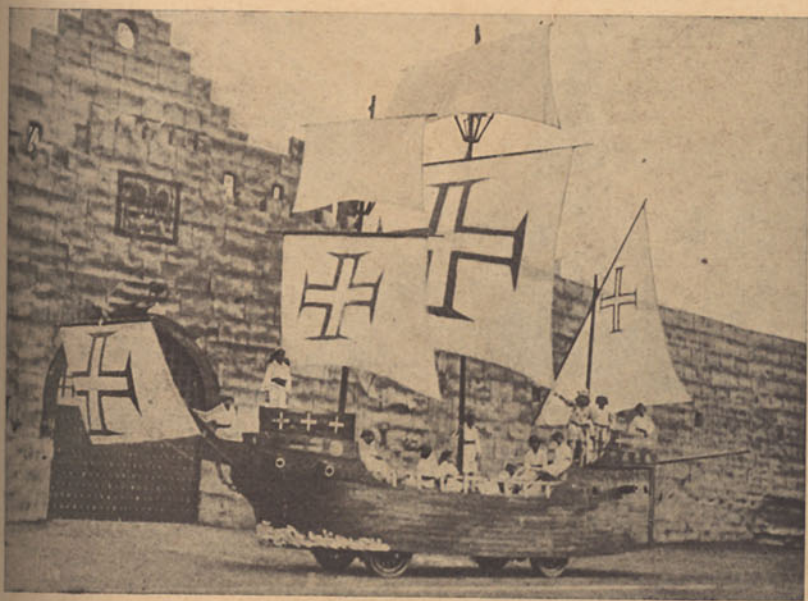


A caravela de Vasco da Gama segundo um desenho de Herbert Johnson

vado de saudades que esses compatriotas distantes falam de Portugal e trabalham, afinadamente, para o engrandecimento da Pátria pela valorização de cada um dos seus filhos. Muitas vezes, só Deus sabe à custa de

que ignorados sacrifícios e de que amargas desilusões!

No Extremo Oriente, e principalmente na China, as comunidades portuguesas exercem uma actividade honesta e digna dos maiores louvores. Há pouco tempo ainda, realizou-se em Hong-Kong a festa tradicional do «Grand Tattoo», cerimonia ao mesmo tempo patriótica e filantrópica, que a colónia inglesa toma todos os anos a seu cargo. Este ano, o «Grand Tattoo» tornou-se particularmente interessante para nós, pela parte importante que nele tomou a comunidade portuguesa de Hong-Kong. Desde o famoso «Aldershot Tattoo» que os comandos militares ingleses vêm organizando através de todo o Império, festas destinadas a adquirir fundos para fins caritativos de ordem militar. Em Hong-Kong, onde o «Naval and Military I. M. C. A.» se não poupou a esforços para proporcionar o máximo de conforto às tropas que foram últimamente da Inglaterra, em virtude da perturbação chinesa, também a falta de fundos se fez sentir — e daí a organização do primeiro «Tattoo» que se realiza com a participa-



A nau «S. Gabriel» que tomou parte no cortejo «Grand Tattoo»

No Salão da «Voga», no Pôrto, far-se-hão ouvir as últimas criações de «His Master's Voice», a marca de gramofones e discos de maior fama



No Jardim do Palácio do Governo, em Hong-Kong. — Mademoiselles Cerveira de Albuquerque e Tamagnini Barbosa, no grupo alegórico «A mais velha aliança do mundo»

ção das colónias estrangeiras, e nomeadamente a portuguesa, que foi por ventura a mais interessante.

As festas deste ano, que se prolongaram durante três noites consecutivas, marcaram uma *étape* brilhante na tradição do «Tattoo». No cortejo alegórico que atravessou as ruas de Hong-Kong, tomaram parte dois carros portugueses, que emprestaram à comemoração festiva uma nota inédita de elegância e de bom gosto. O primeiro, dum significado histórico e de propaganda das glórias portuguesas, representava nada menos que «A Caravela de Vasco da Gama», ou seja uma preciosa miniatura da nau *S. Gabriel*, feita segundo um desenho de Herbert Johnson. Com todas as suas velas desfraldadas, magestosa e elegante, a sua aparição sob um fundo de antiga muralha portuguesa constituiu para indígenas e europeus uma verdadeira revelação. Os programas diziam em inglês o significado da viagem de Vasco da Gama: «This voyage was destined to change the whole map of the world and affect the course of human events for generations.»

Não teria sido positivamente assim que o grande navegador chegou à Índia; mas como evocação dum passado glorioso e tantas vezes esquecido, o carro alegórico de Hong-Kong cumpriu o seu dever.

O outro número, «A mais velha aliança do mundo», era constituído por duas gentilíssimas senhoras portuguesas, uma vestida de «Portugal» (M.^{lle} Cerveira de Albuquerque,

filha do cônsul português em Hong-Kong) e outra de «Inglaterra» (M.^{lle} Tamagnini Barbosa, filha do governador de Macau).

Convém lembrar que esta valiosa cooperação se deve em grande parte à inteligente iniciativa do cônsul português em Hong-Kong, que não se tem poupado a esforços de toda a natureza para prestigiar o nosso país aos olhos do estrangeiro.

Mas as festas do «Grand Tattoo» não ficaram por aqui. Fêz-se, por exemplo, a «Reunião tradicional dos Clans», figurando-se uma scena dos velhos tempos da Escócia, em que ao acender das luzes no alto dos montes todos partiam para a guerra, deixando «os rebanhos tresmalhados, os cadáveres insepultos e as noivas no altar», como diz o poeta. As

tropas indianas do Punjab dançaram pela noite dentro as suas danças guerreiras. Reviveram-se os velhos costumes do tempo de Henrique VIII. Dançaram os *highlanders*. Os contingentes ingleses fizeram as suas maravilhosas evoluções com archotes. Simulou-se a tomada dum forte no deserto — e não faltou, para completar o *décor* oriental, o mitológico dragão chinês, que se arrastou pelas ruas de Hong-Kong, com os seus trinta metros de comprimento.

E enquanto a comunidade japonesa queimava fogos de Bengala, os escoceses reviviam a sua história, conquistando ao duque de Gordon o castelo de Edimburgo.

NORBERTO LOPES.



Mademoiselle Cerveira de Albuquerque, gentilíssima filha do consul de Portugal em Hong-Kong

No Salão da "Voga", no Pôrto, exporá "Artigos de alta novidade e fantasia" a grande fábrica de malhas de DOMINGOS FERNANDES & C.ª — Rua dos Wanzeleres — Pôrto

ser servido — escancarou-se a porta do restaurante para deixar passar um esgrouviado cadete, que, de vidrinho scintilando num olho, não perdeu grande tempo a inspecionar a assistência. Mal ele assomou, soltou-se da boquinha da rapariga um pequeno grito de chamado e de contentamento: Gabriel! E logo a mocinha correu ao encontro do mavôrtico rapaz, pendurando-se-lhe do braço, sem cerimónia alguma. Pai e irmãos da menina arranjaram lugar ao jóvem Gabriel, que, cochichando com ela e depois de lhe dar conta da extraordinária demora, decerto foi posto ao facto das pretensões namoradeiras do circunjacente comensal. Pelo menos, um e outro fitaram Alexandre, ela sorrindo em ar de mofa, ele com o semblante altivo de quem não hesitará muito em desafrontar sua dama.

Recalçando o medonho desapontamento, Alexandre satisfez a conta, vestiu com armêssio o sobretudo e apressou-se a fugir dali.

No íntimo escorriam-lhe uns vagos ressaibos de teorias anti-militaristas e, principalmente, um ódio corrosivo, um ódio feroz a todos os Gabriéis que pisavam a terra e outros préstimo não tinham que entravar os amores alheios.

Esteve um momento à beira do passeio, sem tomar destino. Por fim, foi descendo devargar a rua do Alecrim.

Ufá! que tédio, que desolação, que frigidéz interior! Tóda a sua volubilidade de anos e anos, como a explava agora! Sem lar próprio, éle que o possuía já — e o vulto grácil de Matilde desenhou-se-lhe de novo na mente, mas em imprecisas linhas, como um doce fantasma, — ali ia ao acaso, ali ia sem mesmo saber para onde. Afinal, em que éle que valeria mais do que a morte essa vida estéril, essa vida estúpida, em que, salvo o rápido interregno do seu casamento, até ali se arrastara?

Já no Cais do Solré, dirigiu-se para a borda do rio. Ilharga com ilharga, as embarcações tinham suspensas da prôa mortijas lumieiras. E aqueles clarões, projectando-se na água, com o embalo desta pareciam arrancar-lhe chispas argentinas, como se ali andasse, a farejar, um cardume. O espectáculo rembrandtesco prendeu um instante a atenção de Alexandre. Mas logo o chapinhar monótono das vagas na muralha reatou a enfiada das suas idéas negras. E o panorama cinzento da sua existência tornou a desenrolar-se-lhe em frente.

De súbito, uns passos, quebrando a quietude do local e da hora, passos talvez de algum marítimo que recolhia a bordo, acordaram Alexandre daquele marasmo — declive ao fundo do qual estava o suicídio. E, de súbito também, sem nexos nem porquê, uma sugestão nova e clara veio rasgar o negrume de pessimismo que se lhe coallhava no cérebro, tão forte é em todos nós o instinto de viver: e se fôsse ainda até o Estoril, visto que só à meia-noite findava o prazo do seu desastrado juramento, e meia-noite ainda não dera? Ali, em qualquer dos casinos, nos seus ofuscantes salões sempre cheios de formosas mulheres, na maioria solteiras e livres, bem podia ainda efectivar-se o seu plano...

Alegrou-se. Viu as horas: onze e vinte. Mas: era já escasso o tempo. Todavia, se houvesse imediatamente combóio... Quem sabe mesmo se durante a viagem...

Nesta revoada de esperanças e promessas, galgou, num pulo, a distância até a estação: faltavam dois minutos apenas para a partida dum rápido. Ligeiro, como se de todo éle despontassem asas, Alexandre adquiriu bilhete e procurou lugar. Passageiros, muitos poucos, circunstância que lhe abalou o ânimo. Na carruagem que, por fim, escolheu, logo num relance de olhos fez o recenseamento: homens isolados ou em pequenos grupos, entre os quais algumas senhoras, mas já idosas. Apenas ao fundo seguia uma mulher sózinha, estando vago o banco fronteiro. Mas embaçada em peles e de costas para a porta, Alexandre não lhe podia descobrir dali, nem a idade nem o grau de beleza. E foi numa grande expectativa, numa férvida ansiedade, que se dirigiu para ela, se lhe sentou em frente e a começou a observar.

Nova, era-o ainda. Bonita? Talvez mais do que isso, se a parte do rosto oculta pela gola que lhe subia até o nariz fino condissesse com éle e também com a magia dos olhos, olhos tocados de tristeza e cheios, contudo, duma cla-



ridade estranha. Espreitando sob a orla escarlata do chapéu muito cingido à cabeça, éles lembravam dois ninhos de veludo negro suspensos dum beiral.

Porém, casada ou solteira? Mas, casada ou solteira, que importava o facto, se ela, dentro em breve, lhe abrisse a alma? Porque, se casada, talvez mal-casada fôsse e, nesse caso, tudo facilmente se concertaria de molde a no *récivilon* seguinte as suas taças se tocarem à luz festiva do mesmo lar, como garantiria aos descrentes convivas da ceia da véspera.

Todo aquele exame e tódas estas conjecturas de Alexandre duraram o que dura um relâmpago. E parecera até ao pobre peregrino do amor definitivo que, ao acomodar-se em frente dela, a vira estremeecer e afogarem-se-lhe as faces. Husão, decerto. Mas, instantes passados, outra vez o invadiu a desconfiança de que aquela mulher de alguma parte o conhecia já. Aquelles olhos de misterioso encanto, quando o supunháb distraído, corriam furtivamente para éle, observavam-no também.

Um momento houve em que os olhos de ambos se cruzaram, e então Alexandre, mais do que curiosidade, mais do que assentimento à sua côrte, descobriu no fundo dèsses olhos uma chama irónica.

Mas o combóio, softando a espaços o mugido da locomotora e deslizando cêleremente, advertia Alexandre de que eram perigosas as hesitações que o enleavam.

Arriscou meia dúzia de frases banais — as costumadas pontes de passagem para um colóquio amoroso. Silêncio dela, absoluto.

Novamente Alexandre procurou abrir caminho a uma conversa, mas a dama, conservando o seu mutismo, evitava agora olhá-lo, mesmo sequer de fugida. A passagem por um apeadeiro permitiu a Alexandre observar as horas: nove minutos apenas para a meia-noite. Desesperado, num ímpeto romântico, suplicou:

— Ao menos por piedade, senhora, por piedade. Rimpelhei a minha palavra em que ao dar da meia-noite de hoje havia de ter conquistado a companhia legítima de todos os meus dias futuros. Jurei-o, sob pena de suicídio. A meia-noite está próxima. E já que o acaso nos pôs frente a frente nesta colisão, aceite, minha senhora, os meus protestos de a fazer feliz. Não é livre? Todos os laços se desatam, tódas as cadeias se quebram. Seja generosa...

O combóio chegava já a outra estação. E Ale-

xandre leu no mostrador do relógio meia-noite menos seis minutos. Sentiu-se perdido.

E eis que, como para acudir àquela angústia que tão miseravelmente se lhe patenteava, a dama embaçada, avivando ao mesmo tempo em seus olhos aquela scentella de ironia que já várias vezes perpassara nêles, ergueu a sua pequena mão enluvada de branco e desembaraçou a parte inferior do rosto da improvisada máscara de peles que lhe embaçava. Alexandre, pondo-se de pé, só pôde balbuciar, pasmado: — Matilde!...

— Sim, sou eu! Tudo Alexandre esperava, menos isso, confesse — e na boca dela passou um sorriso que mais andava da amargura que da alegria.

Alexandre, porém, recobrou logo a serenidade:

— Surpresa, tive e tenho-a, Matilde. Mas acreditada que abenço a circunstância que te pôs esta noite no meu caminho — o meu caminho derradeiro, posso jurar-te. Em vez de ir dar o meu nome a uma aventureira, só por capricho, vou dá-lo, vou restituí-lo a uma mulher que sei digna e cuja lembrança, além de saúde, me inspirava remorsos, pelo mal que lhe causei outróra. Reparo essa falta e conquisto a felicidade que trazia em mira.

Matilde, comovida, silenciara-se de novo, talvez ainda um tanto scéptica perante os propósitos do seu ex-marido. E Alexandre também descaíra no silêncio:

Por fim, ela reatou o diálogo:

— Vê como a sua titude era forçada? Já se encontra arrependido das palavras de há pouco. — Não, não, Matilde. De ora-avante nada me desviará de ti. Simplesmente, pensava nos caprichos do destino, que a tódas as fórmulas dos homens impõe a sua *errata*. A minha idéa fôra: ano novo, vida nova, novos amores. Ele quis emendar, e bem: ano novo, vida nova, velhos amores...

Entretimentos, o combóio atingira o Estoril. Desceram. E depois, já na estrada, um e outro mal encontrando palavras que bem exprimissem o comum e sincero contentamento perante a aventura de tão singular epifogo, a Alexandre acudiu a idéa de verificar as horas. Era meia-noite em ponto. Então, por instinto, ambos se estreitaram e uniram as bocas: estava firmado o ajuste das suas segundas núpcias.

CÉSAR DE FRIAS.

No Salão da "Voga", no Pôrto, estará representada a obra de JOÃO ANJOS, o famoso cinzelador, medalhista e esmaltador de Lisboa

IMPRESSÕES DE AFRICA

UM PINTOR
DAS SELVAS

Na minha aventura por terras de África, — se sómente aventura se deve chamar à de quem, na ânsia do Inédito e Imprevisto, se abalançou aos sertões, desprovido da mais rudimentar comodidade, — o destino proporcionou-me estranhas surpresas que jámais serão esquecidas na cinematografia da minha recordação.

Desde êsses singulares *batuques* dos *Belizes*, plenos de ritmo e côr, pelas florestas virgens do Mayombe, aos coros sentimentais e místicos dos *Baylundos* e mais tarde pelo deserto do *Caalari* onde o *girãule* se aninha no chão em sinal de respeito ao *branco*, observamos e sentimos detalhes e motivos impressionantes da vida indígena, de que só num livro de muitas páginas se poderia dar conta.

Porém, a pessoa de quem vou falar, não é nada que se pareça com essa pobre gente em estado primitivo e selvagem que habita o interior.

Filho de *branco* e preta, traz nas suas veias o sangue mestiço que lhe deu a côr escura, à qual vulgarmente se condicionou chamar *mulato*.

Roberto Silva. Este nome e apelido, só por si, — vão lá dizer que os nomes não falam... — encerra qualquer coisa de simplicidade estranha, um não sei quê de lenda romântica.

Um dia, em Benguela, antes de almoçar, quando ao regressar ao hotel o Valbom me informou que um mulato me havia procurado, não liguei importância ao facto.

Entretanto, Valbom, no seu sorriso amável de inteligente hoteleiro, vendo a minha indiferença ao laconismo das suas palavras, avançou para a minha mesa, à qual me conservava já sentado.

— É aquarelista, êsse mulato que o procurou, — acrescentou êle, detalhando.

Fiquei surpreendido e, esboçando um sorriso, perguntei :

— Como diabo soube êsse homem de mim?!

— Pelos jornais cá de Angola. Ele lê tudo : assina a *Ilustração*, *Magazine Bertrand* e outros jornais e revistas da metrópole. Anda sempre a ler livros! Veiu aqui ontem, disse-me que o não conhecia pessoalmente e pediu-me para eu o apresentar.

A minha curiosidade aguçou-se imediatamente e comeci logo a fantasiar vários tipos, o seu carácter e as suas linhas, começando a interessar-me o meu desconhecido visitante.

— Ele que se me dirija, — recomendei — seja onde fór. Um artista está sempre apresentado, recebê-lo hei com grande satisfação, como um camarada.



Retrato de Aragão Paiva. (Carvão de Roberto Silva)

Assim foi. No dia seguinte vagabundeávamos os dois, como se fôssemos dois amigos desde há muito conhecidos, pelo *mato fora*. Roberto Silva, de álbum para apontamentos debaixo do braço; eu, com toda a minha atenção às suas palavras, aos pormenores que êle me ia contando da sua vida de artista errante, pelo *interior*, onde de vez em quando se embrenha e onde é tratado pelos indígenas, que lhe fazem oferendas de galinhas e ovos como a um grande senhor, fugindo assim dos litorais numa grande adoração pelas selvas.

Visito a sua barraca, que êle utiliza para *atelier* e dormitório, sob o ar pasmado do seu *moleque*, que se apruma reverente como bom *Baylundo* respeitador.

Pelas paredes, aquarelas, caricaturas, retratos de pessoas de categoria que têm estado por Angola; uns em esboço, outros definitivos. Sobre duas mesas tóscas e empoeiradas, uma barafunda de livros, jornais, novelas curtas em espanhol, caixas de tintas, pincéis, esfuminhos, carvão e, como nota curiosa, todos os números da *Ilustração*, que êle tem coleccionado carinhosamente.

Sinto-me impressionado, com religiosidade no espírito, naquele ambiente.

Os meus olhos ansiosos, sófregos, cheios de admiração e espanto, percorrem, aliçados de tudo o que é material, todos os seus trabalhos, que êle tímidamente, quasi que a médo, me vai circunstando.

Modesto, com vinte e quatro anos apenas, conhecendo os países civilizados só dos mapas, e os nomes dos seus intellectuais e artistas unicamente pelos jornais e revistas, Roberto Silva ruborisa-se, e as pupilas negras



Aragão de Paiva no interior, atravessando uma floresta. (Aquarela)

No Salão da "Voga", no Pôrto, apreciar-se há o magnífico e finíssimo AZEITE SANTA CRUZ, produto de SIMÕES, IRMÃO & C.ª, LTD.ª, das Devezas — Vila Nova de Gaia (Pôrto — R. do Almada, 181)

dos seus olhos saídosos, de romântico impenitente, marejam-se-lhe de lágrimas à medida que as minhas palavras de admiração e incentivo, lhe vão bulindo na sua sensibilidade emotiva de talentoso e original artista, — artista sem nunca ter entrado numa escola de Belas Artes, — nem ao menos um simples professor de desenho!

Lamenta-se então, amargamente, que poucos são os que por ali o compreendem, e que os seus trabalhos, por aquelas terras, não são compensados, a não serem os retratos a carvão, que mal lhe vão dando para comer.

E até em barro trabalha, aquele Pintor das Selvas! O busto do general Machado, que se encontra erigido no Moxico, foi êle que amassou o barro e o modelou, construindo um forno apropriado para a sua cosedura.

O filho daquele distinto oficial, o qual foi o grande realizador do C. F. B., ao visitá-lo um dia pela primeira vez, abraçou-se ao artista com lágrimas a correrem-lhe pelas faces!

Quando, também há tempos, ao descer do Chinguar (interior) — a bagatela de 500 quilómetros do litoral, — veio fazer uma exposição de caricaturas e aguarelas à cidade de Benguela, pediu a um seu amigo que fosse convidar o governador do distrito, o que êle seria incapaz de fazer pelo seu demasiado acanhamento.

O governador accden logo. Porém, quando



Casa abandonada. (Aguarela)

o salão onde se efectuava a exposição começava a estar já bastante concorrido, não tardando a chegada do governador, Roberto Silva desapareceu e mais ninguém lhe pôs a

vista em cima, enquanto durou a exposição!

Pobre amigo, é êle próprio que me conta: — Não calcula: à medida que se ia aproximando a hora da chegada do governador e outras entidades que estavam no Palácio do Governo, sentia cá dentro de mim uma impressão tão forte que, se não fujo, certamente morria!...

— Então, e para onde fugiu? — perguntei.

— Para o pé do mar. Deitei-me na arca de barriga para baixo, sob um sol de fogo medonho, e chorei de raiva contra êste meu feitiço, — contra êste temperamento que a natureza me deu.

«O mêdo de desagradar, o pressentimento da má crítica, da parte dêles, e que de mim se apossou, obrigaram-me a proceder assim.

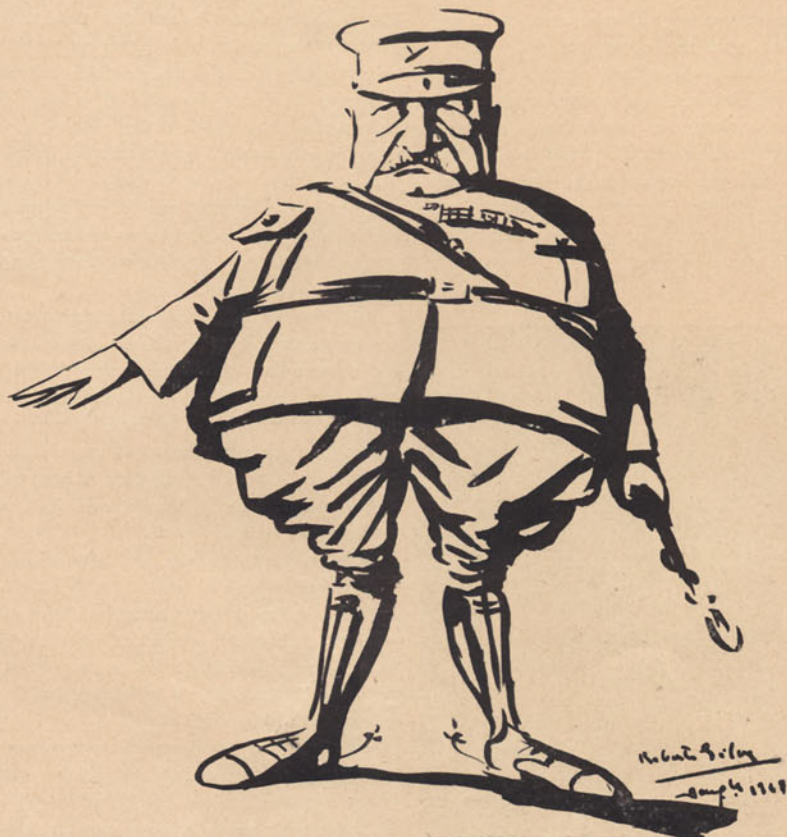
— Venha para Lisboa, oh Roberto Silva!

— Ah!... Para aí sim, iria eu de boa vontade. Essa vida civilizada e diferente é o meu sonho, devia-me certamente modificar... — responde o pobre artista, com os olhos cheios de saudade e enternecimento.

— Mas como — continua — se não tenho possibilidades de qualquer espécie?...

Pobre Roberto Silva!

Talvez ao leres agora estas palavras, que me ias dizendo sem te lembrares que um dia poderiam vir para êste lugar, fiques de mal comigo, por trazê-las para público, — recolhidas lá sob êsse sol dos trópicos, — juntas com as quatro lembranças que me ofereceste quando passei pela tua barraca, e que para estas duas páginas foram reproduzidas!...



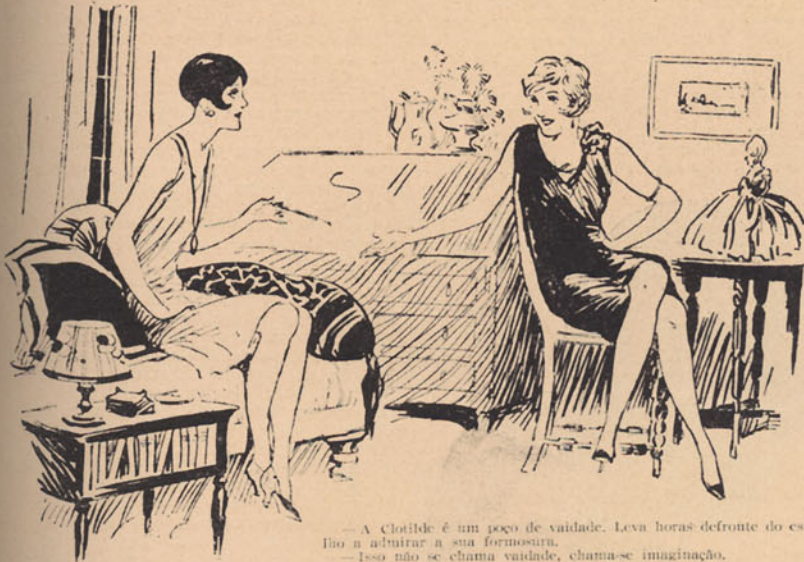
O general Norton de Matos. (Desenho à pena)

ANTÓNIO DE ARAGÃO PAIVA.

No Salão da "Voga", no Pôrto, estarão expostos os maravilhosos vidros artísticos da COMPANHIA INDUSTRIAL PORTUGUESA, melhores que os melhores do mundo



Passatempo



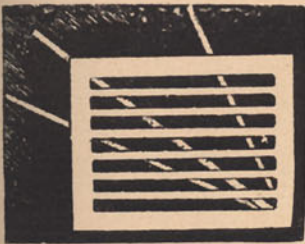
— A Clotilde é um peço de vaidade. Levá horas defronte do espelho a admirar a sua formosura.
— Isso não se chama vaidade, chama-se imaginação.

O inquilino em perspectiva: — Porque é que o senhor não quer crianças nas casas que tem para alugar?

O senhorio: — Por boa intenção, unicamente. Gente que tem crianças a criar e educar, não tem facilidade em pagar as rendas que eu exijo.



ILUSÃO ÓPTICA



Transforma-se um cartão de visita em uma espécie de grade, de barras paralelas, como a figura indica, e faz-se girar por detrás dela uma pequena tira de papel ou cartão, de lados perfeitamente rectilíneos, servindo de eixo um alfinete cravado em um dos cantos da grade.

Quando a tira móvel fôr quasi perpendicular às barras, parecerá bem limitada por duas linhas rectas; mas dando-lhe obliquidade, com respeito às barras paralelas, parecerá formada de pequenas tiras, que não são prolongamento umas das outras.

Só pode rectificar-se a ilusão óptica, aplicando uma régua sobre as duas linhas, e então nos convenceremos de que estas são perfeitamente rectas.

Ligório: — Minha mulher não tem nada de parva, fica sabendo.

Fabrizio: — Então, por que demónio casou ela contigo?



Leopoldo: — Qual é a melhor maneira de descobrir o que uma mulher pensa de nós?

Roberto: — Casar com ela.

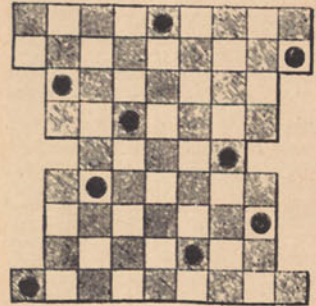
OITO QUADRADOS NUM (Problema)

Cortem-se oito quadrados de cartão, todos de igual tamanho, e dividam-se quatro dêles, diagonalmente, de canto a canto. Ficam assim formadas dôze peças, quatro quadradas e oito triangulares.

Disponham-se, em seguida, de modo a formarem um quadrado único.



AS NOVE DAMAS (Solução)



file: — Agora só me dás um beijo quando queres dinheiro.

Ela: — Crêdo, Henrique! E não achas que seja bastantes vezes?



CAÇADA DE INVERNO

Vêem-se aqui perfeitamente os três guias e a camurça.

No Salão da "Voga", no Pôrto, figurará um sensacional "stand" do grande jornal do norte PRIMEIRO DE JANEIRO

BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

La Vie de Chateaubriand, por Marcel Rouff. Novo volume da coleção das «Vies des Hommes Illustres», talvez mesmo um dos seus volumes mais interessantes, pelo enorme relêvo que o biografiado tem nas letras francesas. Chateaubriand, encarado através destas páginas, aparece-nos como o deus do orgulho. 12 fr.

La Cité des Fous, por Marc Stéphane, autor também de outro livro muito curioso *Ceux du Trimard*. No que acaba de aparecer, o espírito motejador corre com abundância, não poupando nenhuma das figuras típicas do nosso tempo. 12 fr.

La Fleur au Fusil, por Galtier-Boissière. Um livro escrito por um soldado, mas sem o sabor enjoativo que, pela sua insistência nos mesmos motivos, chegou a adquirir a chamada «literatura da grande-guerra». Nesta páginas, pelo contrário, há um sabor acre: foram escritas com verdade e mocidade. O autor dera já a lume o livro *Loin de la Rifflette*. Cada vol. 12 fr.

Le Sort de Poynton, por Henry James. Romance traduzido por M.^{me} David. Esta obra é considerada como uma das mais representativas do romance psicológico anglo-americano. 12 fr.

Le Juif Süß, por Lion Feuchtwanger. Romance traduzido do alemão por Maurice Rémon. O autor, a quem chamam já o Stendhal alemão, introduziu nesta páginas, que hesitam em agrupar no romance ou na história, um espantoso acento de vida. 12 fr.

A mon gré, por René Glotz. Romance de estreia que continua a obter os mais francos aplausos da crítica. Nobreza de pensamento e expressão requintadamente artística. 12 fr.

Désordre, por Thomas Mann. Traduzido do alemão por G. Bianquis. Livro forte, dum forte escritor. 15 fr.

Littérature espagnole, por Jean Cassou. Obra de informação, pertencente à coleção «Les Païnoramas». 15 fr.

Sainte-Beuve et A. de Vigny. Cartas inéditas comentadas e anotadas por Louis Gillet. Preciosos dados para a história das letras francesas contemporâneas. 35 fr.

L'âge heureux, por Sigrid Undset. Reimprimiu-se agora essa notável obra da escritora escandinava a quem foi concedido o Prémio Nobel de Literatura de 1928. 15 fr.

Sous les pins aéroles, por Henry Bordeaux, da Academia Francesa. Um novo romance do autor insigne de tantas obras moralizadoras.

Missions, por Loys Labéque. Com um prefácio de Émile Baumann, «Uma espécie de Walt Whitman católico» disse do autor um crítico. 12 fr.

Colline, por Jean Giono. Livro cheio de belas qualidades: um dos «sachados» da coleção «Cahiers Verts». 12 fr.

La Femme Partagée, por Franz Hellens. Romance que dá ao autor a categoria de o maior romancista belga. Grande intensidade dramática dentro de um enredo audacioso. 12 fr.

Belle de Jour, por J. Kessel, autor de muitas obras notáveis, entre as quais citamos: *L'équipage*; *Les Caplifs*; *Les Cœurs Purs* e *La Steppe rouge*. Na agora publicada todas as qualidades anteriormente reveladas no escritor se aparam tanto, que ela é considerada como uma obra-prima. 12 fr.

Aux portes de la nuit, por Albert du Bois. Romance curioso. 12 fr.

La Vie Héroïque et Glorieuse de Carpeaux, por Georges Lecomte, da Academia Francesa. Volume pertencente à coleção «Le Roman des Grandes Existences». Uma das vidas romancadas mais sugestivas. 15 fr.

Cinq femmes sur une galère, por Suzane Nor-

Roland Dorgelès é, simultaneamente, um habilíssimo jornalista e um poderoso romancista, juntando ainda a estes predicados invejáveis os de um tenível panfletário. Eis uma nota das suas obras mais célebres: *Les Croix de bois*; *Saint Magloire*; *Le Rével des Morts*; *Sur la route mandarine*; *Partir*; e, publicado ainda há poucas semanas, o volume de contos da guerra, *Le Cabaret de la Belle Femme*, (12 fr.), que constitui a continuação dos *Croix de bois* e

Le Joueur de Balle, por Joseph Jolinon. Romance pertencente à coleção «Prosateurs Français Contemporains». 12 fr. Do mesmo autor: *Le Valet de Gloire*; *La lèle brûlée*; *Le Messier contre la ville*; *La Parisienne* (todos os quatro vols. a 10 fr. 50); e *La Foire* (12 fr.).

La Folle Vie de la Reine Margot, por Paul Rival. A história amorosa e sangrenta da última dos Valois. 20 fr.

Un débat sur le romantisme, por Charles Maurras e Raymond de la Tallède. Um livro de inteira actualidade. 12 fr.

Le Cuirassé «Philanthropie», por Albert Touchard. Romance intensamente original e que interessa, sobretudo, àqueles que estimam a vida marítima. 12 fr.

Le cygne rouge, por Philippe Erlanger. Romance de um novo escritor que se propôs nêde dar-nos um quadro da vida actual, tão cheia de destroços. 12 fr.

Un rayon de Soleil, por Léopold Marché. Livro que nos leva a amar a vida longe dos grandes aglomerados. 12 fr.

Mrs. Dalloway, por Virginia Woolf, considerada uma nova glória literária inglesa. O volume pertence ao «Gabinete Cosmopolite», sendo apresentado por André Maurois. 21 fr.

Lettres de Gœtthe à Madame de Stein, com prefácio de Henri Lichtenberger. Admirável correspondência de amor, que faz parte da série «Lettres, Mémoires, Chroniques». 15 fr.

L'horizon chimérique, seguido de *Les Dimanches de Jean Dézerl*, por Jean de la Ville de Mirmont. Com um prefácio de François Mauriac. Trata-se de um volume que contém a obra de um dos mais bem dotados escritores moços que a guerra roubou à França. 12 fr.

Chroniques Barrésiennes. Obra publicada sob a direcção de Frédéric Empaytaz. Aparecem agora o primeiro fascículo. 12 fr.

Caliban Parle, por Jean Guhenno, da coleção «Les Écrits» dirigida por este mesmo autor e que tem como objectivo analisar a vida e o pensamento contemporâneo. 12 fr.

Transformation du Monde, por François Porché. Ensaíos muito curiosos sobre a constituição, quer moral, quer política, da época actual. 12 fr.

La Maison du Grand Silence, por Émile Coudroyer. A vida dos religiosos da Trapa. 12 fr. *Les Grandes Amoureuses Romantiques*, por Gabrielle Reval. Obra muito interessante que contém muitos *hors-texte*. 20 fr.

La Jeune Grecque, por A. Dubois La Chartre. Romance que é tão capaz de ingrardar aos espíritos exigentes como ao grande público. 12 fr.

La Patrie Intérieure, por Ignace Legrand. Romance que suscitou controvérsias críticas. Profunda análise do coração humano. Visão clara dos destinos da humanidade. 12 fr.

«REVISTA DEL ATENEO»

Entrou no seu sexto ano de publicação esta interessante revista que vem a lume em Jerez de la Frontera e em cujo texto os assuntos de carácter local se combinam com os de interesse genérico. Trata de ensino, de arqueologia, de literatura, etc. Nos últimos dos seus fascículos encontramos boa colaboração de Teófilo Ortega, Alejandro Collantes de Terán e de outros escritores espanhóis de muito mérito.



No oval de cima:

ROLAND DORGELES

No de baixo:

JEAN DORSENNE

onde, como nos livros anteriores, se documenta a perlella consciéncia que o autor tem da sua arte, comunicativa e repassada ao mesmo tempo, de um sentimento épico e familiar.

Jean Dorsenne, cujo nome figura hoje no primeiro plano dos escritores franceses, pela novidade dos temas das suas obras e pela equilibrada, sem deixar de ser audaciosa, maneira de as construir, publicou já: *C'était le soir des Dieux*; *Un fils de Cannibales*; *una Vie Sentimentale de Gauguin* e, últimamente, *Océane*, (12 fr.), que, se bem que contenha todos os elementos de um romance de aventuras, é verdadeiramente uma sinfonia, um argumento de drama lírico.

mand. Apesar de saído já há meses, este romance conserva-se em pleno êxito. 12 fr.

Aux jonlaines de Barrès, por Roland Engerand. Livro escrito com inteligência e entusiasmo e que constitui uma bela resposta a *L'appel au soldat!* 12 fr.

Guitte et Alexandre, por Pierre Lejeune. Romance que, em todas as suas páginas, acusa um talento em plena força criadora. 12 fr.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente todas as informações ás consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Annual		Semestre	Annual
CONTINENTE E ILHAS	22\$00	43\$00	84\$00	ESPAÑHA	47\$00	92\$00
Registados				Registados	51\$80	101\$60
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL	21\$40	47\$80	93\$60	BRASIL	52\$00	102\$00
Registados				Registados	61\$60	121\$20
INDIA, MACAU E TIMOR		53\$80	105\$60	ESTRANGHEIRO	63\$00	124\$00
Registados				Registados	72\$60	143\$00

NÚMERO AVULSO 4\$00

No Salão da «Voga», no Pôrto, estarão expostas as fotos de arte de Henri Manuel, de Paris, e Mário de Novais, de Lisboa

GRANDE NOVIDADE LITERÁRIA

O
ÚLTIMO OLHAR
DE
JESUS

DE
ANTERO DE FIGUEIREDO
DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

UM VOLUME BROCHADO ... **12500**



PEDIDOS ÀS
LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

AT CARLU
CLAUDE LEMUNIER

depois da tempestade,
a bonança ...



A acção irregular do nosso estomago, o mau funcionamento do figado e intestinos, provocam em nós perturbações, enxaquecas, estado febril e abatimento. E' preciso, a todo o transe, pôr termo a estas indisposições atacando o mal na sua origem.

Uma colher, duas de café, de Eno's "Fruit Salt", num copo d'agua, fria ou quente, todos os dias de manhã e á noite, é um remedio eficaz.

Eno é uma preparação salina, idealmente pura e extraordinariamente benefica aos órgãos digestivos, que são, por assim dizer, o laboratorio da saude. Pelas suas propriedades refrigerantes e tónicas, defende o estomago e o figado, fazendo desaparecer as nauseas e dores; o Eno obriga suavemente o intestino a desempenhar as suas funções diariamente, conservando portanto a pureza do sangue.

Seguindo estas instrucções conservarvos-heis de perfeita saude, calmos, tranquilos, gosando serenamente o prazer de viver.

Exigii sempre a marca ENO'S "FRUIT SALT"

SAL de FRUCTA
ENO
"FRUIT SALT"

As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e "Eno" são marcas da fabrica registadas.

Depositarios em Portugal : ROBINSON, BARDSLEY & CO. LTD. 8, Caes do Sodré, LISBOA